

J.HERCÚLANO PIRES

ARIGÓ



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

"ARIGÓ"

de

J. Herculano Pires

A "Coleção Contrastes e Confrontos" que ultimamente vem, dentro do panorama editorial brasileiro, destacando-se pela variedade e pela dinâmica humana das figuras apresentadas, bem como pelo acerto e escolha dos problemas populares e sociais abordados — todos eminentemente de cunho nacional e populista — apresenta agora com este "ARIGÓ" de J. Herculano Pires um livro curioso e oportuno, versando sobre matéria apaixonante e desconhecida.

Trata-se de um estudo muito bem feito e escrito, de sentido social e humano, cultural e objetivo, apresentando um registro interpretativo do caso de Arigó perante o Brasil e a ciência. Participando do depoimento direto, da reportagem histórica e social, colhida no próprio campo, este livro é uma informação geral sobre o caso Arigó, seguida da necessária interpretação dos aspectos de sua fenomenologia, à luz dos mais modernos conhecimentos nos domínios da parapsicologia, da metapsíquica e da psicologia social.

No momento em que a Parapsicologia se impõe nos principais centros universitários do mundo, tanto na área capitalista quanto na comunista, através de inquéritos científicos rigorosos, é de particular interesse o levantamento desse "estudo-reportagem" de J. Herculano Pires sobre o aparecimento e a ascensão de José Pedro de Freitas, vulgarmente conhecido como "Arigó."

A trajetória do sensível de Congonhas de Campo é aqui insculpida e gravada, em

estilo forte e incisivo, levantando o autor o quadro de suas curas, operações, falas e pensamentos, acérras e delírios, bem como a sua "mitologia" particular, tudo isto, sem nenhuma demagogia, apenas visando a objetividade e o melhor e mais claro esclarecimento do fenómeno.

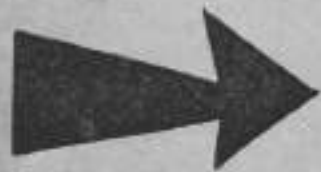
Apoiado em criteriosa e vasta bibliografia mundial sobre as matérias estudadas no corpo deste livro, o escritor e jornalista, homem de pensamento e cultura, J. Herculano Pires traça a anatomia humana e espiritual da figura do famoso "medium" mineiro, projectando o seu caso não só nos domínios da chamada medicina popular brasileira, como no campo da fenomenologia paranormal, através de documentos pessoais, de testemunhos vivos, de pesquisas e registros colhidos nas diversas viagens e indagações feitas pelo autor à cidade mineira.

Sem sensacionalismo, estudando e registrando, ponderando e analisando, J. Herculano Pires consegue manter em toda a linha do estudo, a serenidade requerida.

Romancista consagrado pela crítica e pelo público, jornalista e crítico literário de nomeada, J. Herculano Pires é ainda professor do primeiro curso regular de Introdução à Parapsicologia, dado em nosso País; sócio fundador do Instituto Paulista de Parapsicologia; membro titular do Instituto Brasileiro de Filosofia, secção de São Paulo; ex-docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara e sócio-correspondente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

De J. Herculano Pires, a Livraria Francisco Alves lançará, em breve, o romance paulistano, **"UM DEUS VIGIA O PLANALTO"**, uma "fantasia" de carácter histórico-evocativo sobre a formação e o crescimento de São Paulo.

10



contrastes
e
confrontos



Coleção Contrastes e Confrontos

Vol. — 1

QUARTO DE DESPEJO — CAROLINA MARIA DE JESUS

Vol. — 2

AFIRMAÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA — EDGARD DE CAVALHO NEVES

Vol. — 3

EU SOU PELÉ — EDSON ARANTES DO NASCIMENTO

Vol. — 4

CASA DE ALVENARIA — CAROLINA MARIA DE JESUS

Vol. — 5

O GALO DE OURO — HENRIQUE MATTEUCCI

Vol. — 6

SAMBISTAS & CHOROES — LUCIO RANGEL

Vol. — 7

ISABEL QUIS VALDOMIRO — MARIA ISABEL SILVEIRA

Vol. — 8

UMA VAGA PARA MORRER — CESAR SALLES

Vol. — 9

NO TEMPO DE NOEL ROSA — ALMIRANTE

DIGITALIZAÇÃO

PENSE - Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

Junho de 2012

Copyright by

Editôra Paulo de Azevedo Ltda.

DO AUTOR:

ENSAIOS:

- "O Reino", estudo de Cristianismo-Social, Lake, S. Paulo, 1948.
"A Dinâmica Espiritual de Gandhi", in "Diário de S. Paulo", 1948.
"As Dimensões da Educação", separata da Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, 1960.
"Os Filósofos", panorama da História da Filosofia, Cultrix, S. Paulo, 1960.
"Farias Brito, um penitente da Filosofia", para o "Anuário do Instituto Brasileiro de Filosofia", 1962.
"Crítica da Teoria Corporal do Espírito", Supertipo, S. Paulo, 1962.
"Os 3 Caminhos de Hécate", Supertipo (no prelo), S. Paulo, 1963.
"Gorki, memória e ternura", Boa Leitura Editora, S. Paulo, 1963.
"O Evangelho", ensaio histórico in "Os Livros que abalaram o Mundo", Cultrix, S. Paulo, 1963.
"Émile, ou de l'éducation", *ibid.*, Cultrix, S. Paulo, 1963.

ROMANCES:

- "O Caminho do Meio", Brasiliense, S. Paulo, 1948.
"Barrabás, o exjeitado", prêmio do Departamento Municipal de Cultura, Lake, S. Paulo, 1954.
"Daga Moriga", Piratininga, S. Paulo, 1955.
"Tempo de Magrôlas", Piratininga, S. Paulo, 1961.
"Um Deus Vigia o Planalto", Livraria Francisco Alves, no prelo, S. Paulo, 1963.

POESIAS:

- "Coração", poemas de adolescência, Casa Ipiranga, C. Cesar, 1932.
"Estradas e Ruas", Civilização Brasileira, S. Paulo, 1943.
"Abril", Lake, S. Paulo, 1953.
"África", Edição O Minuto, S. Paulo, 1957.

COMEÇO DE CONVERSA

Procuramos oferecer ao leitor, neste livro, uma informação geral sobre o Caso Arigó, seguida da necessária interpretação dos aspectos de sua fenomenologia, à luz dos conhecimentos atuais. Tivemos de servir-nos, para isso, de conceitos e de alguma terminologia das ciências psicológicas e sociais. Tentamos, porém, compensar essas exigências do tema com uma redação o tanto quanto possível explicativa dos principais conceitos e termos técnicos.

Como a colocação científica do Caso Arigó é parapsicológica, queremos esclarecer que esta ciência tem por objeto as junções psíquicas até agora consideradas misteriosas, às quais denomina "junções psi". Dessas junções resultam duas categorias de fenômenos: a psigama, ou percepção extra-sensorial; e a psíkapa, ou ação da mente sobre a matéria. Ciência universitária, a Parapsicologia provou, através da experimentação científica, a existência dos seguintes fenômenos psigama: telepatia, clarividência e precognição (ou profecia); e os seguintes fenômenos psíkapa: psicocinesia, ação do pensamento sobre objetos materiais, influenciando em seus movimentos ou movimentando-os.

A compreensão desse breve esquema é necessário à posterior compreensão de muitos trechos do livro. Mas, com esses dados, o leitor estará armado para também compreender outras referências e outros conceitos, relacionados com várias direções científicas. Apesar disso, este não é um livro de ciência, mas apenas uma tentativa de apresentar o Caso Arigó em suas verdadeiras dimen-

sões, dentro dos conhecimentos atuais. Não estamos fazendo ciência, apenas nos servimos dela.

Os depoimentos dos médicos que observaram Arigó enriquecem o nosso trabalho. No final, oferecemos um balanço geral de todas as observações, para completar e ajustar a visão panorâmica do caso. Damos também uma bibliografia sumária, com a indicação dos livros principais de que nos servimos na elaboração deste trabalho. Acreditamos ajudar um pouco, com este livro, a melhor compreensão de um problema que não é somente do sensitivo de Congonhas do Campo.

O AUTOR

I

DO ALEIJADINHO AO ARIGÓ

Congonhas do Campo, a duas horas de automovel de Belo Horizonte, por estrada asfaltada, é o que se pode dizer uma cidadezinha carismática. Na sua humildade, e sobretudo na sua rusticidade, pousada entre montanhas de minérios, conserva um dos mais ricos monumentos de religião e arte do Brasil: o Santuário do Bom Jesus de Matosinho, erguido na segunda metade do século XVIII, com o famoso adro em que se vêem as doze estátuas dos Profetas do Aleijadinho, esculpidas em pedra-sabão. Impressiona poderosamente a visão daquelas estátuas, que guardam a individualização de cada figura bíblica, plasmada pelo gênio obscuro de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Através dos séculos, a estatuaria de Mestre Antônio Francisco exerceu inimaginável influência nas populações rurais da região, atraindo-as para a igreja, que se tornou verdadeiro centro de misticismo e taumaturgia. Nas festas de São Bom Jesus, a cidadezinha é invadida por multidões de doentes e aleijados, que acorrem ao Santuário, como os mendigos e leprosos do tempo de Jesus afluiam ao lago de Betsaida. E os milagres se multiplicam, de ano para ano, consagrando cada vez mais o carisma, a graça divina que assinala Congonhas. Há uma curiosa sintonização entre os reinos extremos do mineral e do hominal. Como no ciclo do ouro, o homem procura, ainda hoje, a sua salvação física e espiritual nas figuras de pedra, e estas respondem ao anseio humano, revelando aos devotos a magia das formas que o Aleijadinho e seus auxiliares fixaram no minério. Os extremos se encontram.

Essa dialética da fé, que surge espontânea da alma ingênua do povo, resulta no clima de misticismo, de religiosidade fanática, que domina a região. A tradição esmaga as gerações, que desfilam contemplativas e apáticas, ante o poder misterioso dos Profetas, em cujo olhar vazio — os globos minerais que parecem mortos ou extáticos na expressão viva do rosto — a eternidade se reflete implacável. Poderíamos dizer que o gênio artístico do Aleijadinho magnetiza a alma do povo, através dos séculos, com o estranho vazio daquelas órbitas de pedra. Mas esse magnetismo, pela sua própria natureza contraditória, no jogo permanente e invariável entre o eterno e o efêmero, no contraste da pedra fria com o sangue a ferver na carne sertaneja, é a fonte natural de que brotam o pecado e o perdão, o crime e a virtude, a miséria da doença e o esplendor do milagre.

Congonhas do Campo é humilde e grandiosa, estranha mistura de debilidade e força, de profano e sagrado, de vulgar e sublime, de transitório e eterno. Curioso como a alma humana consegue vencer, naquele reino mineral, a resistência da matéria bruta, para nela fixar as suas aspirações de beleza e eternidade. Nada mais justo que, nesse meio de psiquismo telúrico, nesse ambiente de sublimação estática, em que a pedra reflete, na sua imobilidade, o tumulto das paixões e a força do espírito, o homem rompesse, finalmente, os moldes de pedra da contemplação, para explodir na sua atividade psíquica, através da potência do paranormal.

Arigó é a réplica do Aleijadinho a sua própria obra. Com o sensitivo de Congonhas, o artista dos Profetas se resgata a si mesmo. Mestre Antônio Francisco rompe as armaduras minerais em que encerrou o seu poder criador, para desencadeá-lo novamente no seio do povo. A taumaturgia dos Profetas, que emanava silenciosamente da pedra, súbitamente se transfunde em atividade humana. E assim que podemos entender, no plano mais vasto da História, acima das aparências do contingente, a ligação entre o Aleijadinho e Arigó. Este afirma que a sua missão pertence àquela. Foi Mestre Antônio Francisco quem preparou a sua cefaloção mediúnica. Fritz, o médico alemão, que opera através de suas mãos, é um auxiliar do mestre. Fritz, por sua vez, diz o mesmo: "Se estou aqui, a culpa é do Aleijadinho".

Interpretando êsse fato no plano do contingente, e portanto da aparência, a ligação entre o Aleijadinho e Arigó comporta apenas duas explicações: a psiquiátrica, de ordem alucinatória; e a espírita, de ordem mediúnica. Mas, no plano histórico, a seqüência cronológica estabelece a continuidade, a tradição supera a fragmentação temporária, e, conseqüentemente, o mistério da eternidade se transfunde na lógica da duração. O tempo que correu entre o Aleijadinho e Arigó aparece então como um "continuum". As estátuas de pedra giram, nesse processo, como catalisadoras. O tempo e as gerações constituem a massa de reação acelerada, e no momento da transformação, os Profetas mantêm a sua impassibilidade mineral, de olhos varios, fitos na eternidade.

Há problemas que não podemos equacionar de maneira simples ou corriqueira, sob pena de jamais chegarmos à solução. No caso Arigó há dois aspectos, que funcionam em forma de polaridade. Num pólo, está o banal, como simples aparência: o caboclo mineiro empolgado por forças subliminares ou subconscientes, que o transformam em tumaturgo ou charlatão. No outro pólo, está o supranormal: a ação histórica prolongando na duração a cadeia de eventos temporais. O raciocínio simplista pode levar os observadores a uma das pontas do dilema do primeiro pólo. A explicação do caso, que se torna impossível, será oferecida por um simples dar-de-ombros, equivalendo a uma destas afirmações: Arigó é um santo; ou Arigó é um mistificador. O raciocínio profundo levará fatalmente a uma conclusão única: Arigó é um "sujet" paranormal.

As duas afirmações simplórias pertencem ao passado. Hoje, com o desenvolvimento científico a que chegamos, é inadmissível explicar-se em termos teológicos ou em termos de impostura a série de fenômenos ocorridos com Arigó. Só a ignorância ou a má fé poderá fazê-lo. A conclusão lógica do paranormal impõe-se como evidência, e como tal apoiada nas investigações científicas da Metapsíquica, no passado, e da Parapsicologia, no presente. Mas também apoiada no próprio desenvolvimento das ciências físicas, que romperam neste século o domínio da aparência, para descobrirem, na intimidade da matéria, a realidade energética. O próprio conceito físico do "continuum" espaço-tempo constitui elemento fundamental da compreensão dêsse processo histórico,

que dialéticamente se equaciona em termos de duração, no plano do vitalismo bergsonianiano.

Colocado assim o problema, podemos compreender a ligação Aleijadinho-Arigó, sem necessidade de acertarmos a natureza espírita do caso de Congonhas. A cidadezinha carismática passa, historicamente, de um plano a outro, sem qualquer violência para a convicção ideológica de quem quer que seja. As romarias a Congonhas do Campo, que marcaram no passado a força atrativa dos Profetas de pedra, hoje se desdobram. O poder dos Profetas se projetou na carne. Podemos dizer que a pedra, que antes fôra carne, por ela modelada em sua própria forma, agora volta a ser carne. Todo um ciclo histórico se define, com perfeita nitidez.

Mas isso não exclui a explicação espírita, que se entrosia perfeitamente na explicação histórica. Para os que, como o autor, admitem a sobrevivência do homem após a morte, toda esse processo decorre da continuidade psíquica. Arigó teria, assim, uma relação direta em o Aleijadinho, que é também histórica, mas se realiza no plano individual. Dessa relação decorreria todo o processo histórico impessoal, que o observador não-espírita reconhece no plano existencial dos eventos.

A ação catalítica dos Profetas de pedra se resolve, portanto, na transformação social que Arigó inicia. Um médico do Rio de Janeiro, que publicou um livro com o pseudônimo de Cícero Valério, intitulado "Fenômenos Parapsicológicos e Espíritos", declara, à pág. 44 do mesmo: "Acompanhado de um colega, Dr. S. C., de sua irmã R. P. M. e seu cunhado E. P. M., inesperadamente, em um sábado, pusemo-nos em demanda da bucólica cidade mineira de Congonhas, em busca da obra genial do Aleijadinho e dos fenômenos extraordinários apresentados pelo grande médium José Pedro de Freitas, vulgarmente conhecido como "Arigó". Como se vê, a romaria se divide: por um lado, o interesse artístico, que ainda se prende aos Profetas; mas, por outro, o interesse traumático, que já se desloca para o sensitivo. Este é apenas um exemplo, pois a divisão se manifesta ainda noutra forma. Há os que continuam procurando a cidadezinha carismática por fidelidade ao Santuário, e há os que a procuram unicamente pelo interesse do sensitivo.

De uma maneira ou de outra, porém, a continuidade histórica se resolve em desdobramento, no processo dialético que nos

leva ao conceito de duração. O Aleijadinho e Arigó se sintonizam acima do tempo, não como causa e efeito, mas como a sincronização que Carl Jung teorizou para os eventos do plano extrafísico. Ainda uma vez o mesmo problema da polaridade: no pólo da aparência, Aleijadinho pode ser rejeitado como a causa do efeito Arigó; mas, no pólo do supranormal, ambos se juntam e se conjugam, como sincronização, simultaneidade ou coincidência, no mesmo "continuum" do carisma de Congonhas do Campo. Claro que os adversários gratuitos de Arigó — gratuitos porque ele não se opõe a ninguém — pensarão que estamos ensaiando a aplicação de teorias escatológicas a um caso banal. Mas aquilo que chamamos banalidade não é apenas um momento da escatologia? Por outro lado, o caso Arigó, como vamos demonstrar, é bem mais grave do que o supõem os que pensam negá-lo com argumentos fáceis.

Feita esta tentativa de mostrar a importância histórica do caso Arigó, para não perdermos a sua dimensão metafísica, banalizando-o em nossa micropsiquia, passemos a tratá-lo no plano dos dados concretos. Mas não se iluda o leitor. A cada momento, os próprios fatos se incumbirão de colocar-nos de novo em face do absurdo. Como já notamos acima, só temos a alternativa de considerar o caso no plano do contingente, ou de considerá-lo no plano do supranormal. Devemos entender, porém, como supranormal, não o sobrenatural, mas aquilo que não é habitual. Arigó, na nossa opinião, não é um taumaturgo, mas apenas um homem que revela extraordinária capacidade psi, ou seja, a posse simultânea de várias faculdades paranormais, que produzem os chamados fenômenos psi, investigados pela Parapsicologia. É o que procuraremos demonstrar.

II

DA BENZEDURA À CIRURGIA

Baixemos um pouco a nossa viseira, para tentar situar o caso Arigó no panorama da fenomenologia paranormal da medicina popular brasileira. Não pode haver dúvida de que existe em nosso país uma sistemática de cura tipicamente paranormal, como o há nos demais países. Não se trata da chamada medicina caseira, feita de mezinhas e outras aplicações comuns. Trata-se de um complicado sistema de ação milagrosa, que podemos dividir na seguinte classificação:

1) *Benedutores*, que praticam gestos, orações ou palavras mágicas, tanto para a cura de animais como de pessoas, obtendo resultados positivos. Os casos mais comuns são a cura de bicheiras de animais, de verrugas, micoses, e até mesmo de hérnias, particularmente em crianças. O prof. Joseph Banks Rhine, chamado o Pai da Parapsicologia, conta um caso de cura de verrugas numa vaca, por esse processo, como indicio da ação da mente sobre a matéria.

2) *Curandeiros*, que aplicam heberagens, em geral garrafadas de raízes, sementes e ervas diversas, ou mesmo a mistura de excrementos de animais, ou de vísceras, com aguardente, vinho e outras bebidas; utilizam-se de amuletos ou sementes de plantas, patuás, guisões de cascavel, pedaços de peles de animais, e etc., para obterem curas de diversos males. A ação desses objetos e das heberagens é quase sempre ativada por meio de palavras mágicas, de dias e horas favoráveis para serem usados, e assim por diante, revelando a natureza supersticiosa do processo de cura.

3) *Rezadores*, que fazem reuniões de cura por meio de orações, ou preferem orar sozinho ao lado do enfermo, acompa-

nhando as orações com gestos ou uso de velas, queima de ervas, ou apenas de atitudes e posturas especiais.

4) *Médiums passistas*, espíritas, que aplicam passes magnéticos ou espirituais nos doentes, às vezes acompanhados de sopros curadores.

5) *Médiums-receituários*, que, em transe, recebem intuições de receituário, diagnosticam moléstias, e tanto indicam medicamentos caseiros, como homeopáticos ou alopáticos.

6) *Médiums-operadores*, que, em sessões espíritas, ou das formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, com a presença do doente ou à distância, realizam operações espirituais, sem intervenção cirúrgica visível, às vezes com extração de tecidos ou supostos tecidos orgânicos enfermos.

Praticamente, temos nessas categorias tôdas as formas de curas paranormais, desde a simples benzedura do quebrauto ou mau-olhado, até as intervenções cirúrgicas à distância. O caso Arigó, porém, não se enquadra em nenhuma dessas classificações. O estranho médium de Congonhas do Campo faz intervenções concretas, pessoalmente, cortando com facas, tesouras ou bisturis, sem assepsia nem anestesia. Sua intervenção é o que se pode chamar de brutal. Mas a brutalidade está apenas na aparência, porque o doente não sofre nenhuma dor nem mal-estar, e fica realmente curado, sem sequer sujeitar-se ao repouso habitual no leito.

No tocante ao receituário, Arigó não emprega heberagens de espécie alguma, nem remédios caseiros, ou homeopáticos e alopáticos de uso popular. Receita, pelo contrário, drogas recentes, muitas vezes ainda não lançadas no mercado ou não importadas, antibióticos violentos em doses maciças, que assustam os médicos. Seu receituário revela perfeita atualização médica. Geralmente, as receitas são extensas, mas porque a sua finalidade é curar de vez a doença, para que o paciente não precise voltar à consulta.

Tanto no caso das operações, quanto no das receitas, Arigó não realiza sessões espíritas, nem age de olhos fechados. Verifica-se o seu estado paranormal pela modificação da expressão fisionômica, especialmente do olhar, que se torna distante, e pela modificação da pronúncia caipira, para acentuado sotaque alemão. Há também a pronúncia de frases em alemão, e às vezes a conversação nesse idioma, que o médium desconhece inteiramente.

Arigó trabalha em mangas de camisa, os braços nus, e sempre em plena luz, operando em público e chamando os médicos presentes para assistirem de perto à operação.

A hemorragia é controlada verbalmente. O médium manda o sangue estancar, e a ordem é imediatamente obedecida. Em certos casos, mormente nas intervenções de vulto, nos primeiros anos de sua atividade, a cicatrização era produzida também de maneira imediata. Atualmente, em casos raros, segundo o depoimento, inclusive, de médicos, isso ainda se verifica. Erguendo no ar uma mecha de algodão seco, Arigó pede líquido a entidades invisíveis, e o algodão se embebe. As operações são realizadas com extrema rapidez. O leitor verificará isto no depoimento de um professor universitário de clínica-cirúrgica, que daremos na seqüência do livro.

Arigó não é, como se vê, nem benzedor nem curandeiro, nem rezador ou médium-passista. Suas características são as de um verdadeiro "sujet" paranormal, um metérgico. Quando assistiu a um filme sobre as suas operações, ficou de tal maneira apavorado, que desmaiou. Tinha consciência de agir em casos de cura, mas não de operar com a violência e a audácia que o caracterizam. Apesar de toda essa estranheza, devemos acentuar que o caso Arigó não é único no Brasil. Há outros, que podemos considerar idênticos, e outros que, embora da mesma espécie, apresentam curiosas variantes. Esse é um fato de mais alta importância, pois mostra o aparecimento de uma nova categoria, de um novo tipo de agente paranormal, na medicina popular brasileira.

Os demais casos permanecem contidos em âmbito local, na maioria das vezes entre as pessoas da família ou do grupo social, que receiam os prejuízos advindos da divulgação. Um desses casos, de que temos conhecimento, assemelha-se perfeitamente ao de Arigó. Verifica-se no Rio de Janeiro, mas o grupo interessado o mantém sob o maior sigilo. Outro, também do Rio, teve repercussão em São Paulo, em virtude da viagem da médium, uma senhora casada, para a cidade de Bauru, onde realizou várias operações. Há ainda o caso de um médium do Recife, divulgado por um relatório minuciosamente grafado do brigadeiro Adil de Oliveira. O médium age como Arigó, e a entidade manifestante dá o nome de Dr. Kempfer, dizendo ter falecido na primeira guerra mundial e ser alemão, exatamente como o Dr. Fritz.

Em Marília, na Alta Paulista, assistimos a várias intervenções de outro tipo, e nos submetemos a uma, com pleno resultado. O médium incorporava uma entidade, que também se dizia médico alemão — isso bem antes da divulgação do caso Arigó — e dava o nome de Huxley, falando também com sotaque acentuado. Não fazia uso de instrumentos. O médium operava como se tivesse um bisturi nas mãos, e o doente sentia o corte interno, mas absolutamente sem dor e sem sangue. Depois da operação, o doente podia levantar-se e ir para casa, mas sentia geralmente um estado de prostração. As vezes, a entidade recitava o uso de dextrosol, açúcar de milho, para levantar as forças do operado. A simples ingestão de meio copo d'água com uma colher de sopa do açúcar, produzia efeitos rápidos. Com o mesmo médium, recebemos instruções pós-operatórias em sessão de voz-direta, uma poderosa voz soando no espaço, por meio de uma corneta de cartolina que era levitada. O fenômeno da voz-direta foi recentemente confirmado nas experiências parapsicológicas do Dr. C. G. Soal, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

Em Garça, também na Alta Paulista, verificamos pessoalmente um dos casos mais curiosos. A médium, dona Bernarda Torrúbio, esposa do sítiante José Torrúbio, fazia operações em sessões mediúnicas, mas de maneira especialíssima. Caindo em transe, vomitava sobre a mesa os resíduos da operação, invisivelmente realizada no doente, que se achava presente. Médicos da região, a convite do Dr. Urbano de Assis Xavier, de Marília assistiram à intervenção num senhor de idade, tuberculoso desenganado, e colheram o material para análise de laboratório. Estranhamos, depois, que a médium, mulher perfeitamente sadia, tivesse vomitado matéria orgânica infectada. O doente sarou. Um padreiro, de Garça conservava em vidro de álcool os restos de uma operação que sofrera, quando se achava em estado de coma e desenganado, com fratura na base do crânio. Ainda em Garça sabemos da existência de outra sensitiva, que fazia operações semelhantes, mas não podemos verificar o caso, nem conhecer a sensitiva, que morava na zona rural.

Todos esses casos são citados para demonstrar que o de Arigó não é único. Verifica-se, atualmente, uma verdadeira eclosão dessa nova categoria de fenomenologia paranormal para efeitos de cura, em nosso país. No momento em que a Parapsicologia se impõe

nos principais centros universitários do mundo, tanto na área capitalista quanto na comunista, com investigações intensivas, particularmente nos Estados Unidos e na URSS, esse fato devia merecer maior atenção de nossas instituições científicas e dos poderes governamentais. Diante do processo-crime movido contra Arigó, pela Associação Médica de Minas Gerais, o Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo telegrafou e oficiou ao sr. Presidente da República, sugerindo a formidável de convites a parapsicólogos de renome internacional, para virem estudar o caso de Congonhas. O presidente João Goulart respondeu que entregara a sugestão ao estado do Ministério do Exterior.

O caso Arigó não comporta dúvidas. Há doze anos que o médium exerce as suas faculdades, gratuitamente, não aceitando nenhuma espécie de recompensa, e com grande sacrifício pessoal. As operações por ele realizadas foram fotografadas por centenas de pessoas, cinematografadas, e inclusive filmadas para televisão. Os testemunhos oculares sobem a milhares, envolvendo pessoas de todas as categorias sociais, desde o analfabeto ao professor universitário e aos médicos especialistas em cirurgia. Sacerdotes e médicos dividiram-se diante do impacto dos fatos. No clero, como na classe médica, há os que negam a legitimidade dos fenômenos e atacam ferozmente Arigó, e há os que afirmam a legitimidade e defendem o médium.

Dessa maneira, o caso Arigó se transformou num verdadeiro desafio à Religião e à Ciência. Pertencente a família tradicionalmente católica, Arigó rompeu com a sua religião, para dizer-se espírita. No tocante à Ciência, o desafio se reveste de um sentido irônico, pois o apelido de Arigó, dado ao sensitivo, significa roceiro simplório, puxador de enxada, geralmente analfabeto e ignorante. Podemos dizer, assim, que, em Congonhas do Campo, a Religião e a Ciência, parodiando o poema do mineiro Carlos Drummond de Andrade, toparam com um arigó no meio do caminho. Basta, entretanto, encararem os fatos com isenção de ânimo, para que ambas superem as aparentes dificuldades e largamente se beneficiem com o caso Arigó. Homem simples, pai de numerosa família, o sensitivo não quer e não pode entrar em luta com ninguém. Deseja apenas ser útil, pondo suas faculdades a serviço de todos.

III

O HOMEM E O MEIO

Não nos parece proveitoso tentar uma classificação tipológica de Arigó, segundo esta ou aquela escola de psicologia. Simplesmente absurdo, por outro lado, seria tentarmos uma classificação psiquiátrica, como o fizeram, através da imprensa, um médico e um professor de psicologia. Já no seu livro "Psicologia e Espiritismo", o prof. Enrico Morselli, diretor da Clínica de Doenças Nervosas e Mentais, da Universidade de Gênova, Itália, ao tratar da mediunidade de Eusapia Paladino, lamentava que apenas Frederic Myers houvesse cuidado do problema, em seu livro "The Human Personality", hoje praticamente esquecido.

Acentuava Morselli a falta de elementos para o esclarecimento do assunto, mostrando que, de um lado, os psicólogos-experimentais, como Pierre Janet, e de outro, os psiquiatras, forneciam poucos resultados seguros para uma interpretação. Apesar disso, concluía optando pela classificação da mediunidade como "um fato anormal da personalidade fisis-psíquica humana". Essa posição, tipicamente psiquiátrica, permanece até hoje na Psicologia, não obstante também persista a falta de elementos apontada por Morselli, embora aparentemente suprida com as hipóteses e a terminologia psicanalíticas.

No próprio campo da Psicanálise, eutretanto, as posições quanto ao problema da personalidade se diferenciaram, com as dissidências de Alfred Adler e Carl Jung. O próprio Freud, como assinala Joseph Nuttin, admitiu que a Psicanálise "só fornecia uma contribuição fragmentária para o estudo do psiquismo". Para remediar essa situação, sem perder as fecundas contribuições psicanalíticas, Nuttin formulou a sua "Teoria dinâmica da perso-

nalidade normal". Todo o problema, como se vê, gira em torno de um ponto obscuro: a da normalidade ou anormalidade da personalidade mediúmica. Hoje, a Parapsicologia nos oferece novos e valiosos elementos para o trato do assunto. Mesmo assim, porém, seria temerário querer tentar uma classificação tipológica de Arigó.

Nuttin põe em destaque o contraste das posições psicológicas, que procuram interpretar a personalidade a partir de campos extremos: as formas patológicas, na psicologia profunda, e as formas animais, na psicologia superficial das escolas reflexologista russa e condutista americana. Declara Nuttin: "O fato de ter sido a vida psíquica observada em suas formas de expressão patológica ou em suas formas animais, e interpretada a partir dessas observações, marcou profundamente a imagem da personalidade humana que a psicologia contemporânea nos oferece". Daí o seu esforço na formulação de uma teoria da personalidade normal.

Interpretar Arigó como anormal e enquadrá-lo numa classificação qualquer, é muito fácil. Mas estabelecer a ligação lógica entre os seus possíveis desequilíbrios e os efeitos concretos de sua atividade mediúmica, é simplesmente impossível. Daí a fuga a que o psicólogo ou psiquiatra se vêem obrigados, para a negação absoluta da fenomenologia paranormal, e o apêlo à atuação fácil de fraude e charlatanice. Note-se que essas duas atitudes correspondem precisamente à dicotomia denunciada por Nuttin: a classificação patológica, colocando o problema num *bêco-sensado*, requer a explicação animal ou "behaviorista" da sagacidade e esperteza do médium. Com isso, a diagnose dá um salto mortal, da psicologia profunda para a psicologia superficial, por cima do abismo do psiquismo normal.

Esse salto já não se justifica em nossos dias, a não ser pela falta de atualização do psicólogo ou do psiquiatra. Além da posição de Nuttin, que resulta do desenvolvimento da Psicologia moderna, as pesquisas da Parapsicologia lançam novas luzes sobre o problema. O livro de Jan Ehrenwald, "Telepatia e relações interpessoais", traz como subtítulo: "Novas dimensões da análise profunda", e oferece novas perspectivas para o estudo da anormalidade psíquica, em função das ocorrências telepáticas normais. É o prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University,

contesta a natureza anormal dos fenômenos mediúnicos, mostrando que as experiências para psicológicas se realizam melhor com sujeitos normais. Chega mesmo a declarar: "Não há dúvida que, se houvesse alguma vinculação básica entre enfermidade mental e faculdade psi, os primeiros psiquiatras teriam encontrado muito maior número de fenômenos psi do que encontraram, e provavelmente a Parapsicologia não teria chegado a constituir-se num ramo de investigações independentes."

Rhine acentua também que os estudos de Stuart, Schneider e Humphrey: "tendem, com certas reservas, a sugerir que, quanto melhores adaptados, maiores probabilidades mostram os indivíduos de obter desvios positivos quanto à média esperada por acaso, nos testes de percepção extra-sensorial". O problema das ligações do indivíduo com o meio, e particularmente o da sua adaptação, que constitui hoje o "leitmotiv" de tôdas as correntes psicológicas, é recolocado, pela investigação parapsicológica, no plano do paranormal. Assim, como entende Rhine, a Parapsicologia desbasta a "selva escura" do sobrenatural, abrindo caminho para uma Psicologia Total, que integrará os campos hoje em conflito.

Essa integração, entretanto, não se fará, sem que as posições da psicologia profunda e da psicologia superficial sejam abaladas, com o reconhecimento da realidade psi, esse "novo mundo da mente", que, como diz Rhine: "sô é novo para a ciência". E como psi implica uma polaridade ativa: os fenômenos subjetivos de percepção extra-sensorial, e os fenômenos objetivos de ação da mente sobre a matéria, ambos ligados ao meio-ambiente, ambos enquadrados na dualidade sujeito-objeto e na sua reciprocidade ativa, é evidente que a interpretação da personalidade só pode ser feita, agora e no futuro, em termos de relação mesológica. Mas, lembrando uma sugestão de Gilberto Freyre, podemos dizer que psi abre a possibilidade de uma sociologia do sobrenatural, que nos termos atuais da investigação, equivaleria à elaboração de uma parassociologia.

O homem Arigó, por isso mesmo, não pode ser visto senão em relação com o meio complexo em que se desenvolveu. A complexidade desse meio já foi lembrada no primeiro capítulo, quando tentamos estabelecer as ligações históricas entre o Aleijadinho e Arigó. Congonhamos do Campo não é apenas uma

cidadezinha qualquer de Minas Gerais ou do Brasil, mas um contexto próprio, específico, que chamamos de carismático, em virtude dos fatores extraordinários que agem no seu desenvolvimento, desde a fundação de uma simples capela, em 1757, no local em que hoje se ergue o seu Santuário, até a espantosa intervenção do Aleijadinho, com suas consequências no correr do tempo, e ao aparecimento do caso Arigó.

Descartar esse contexto, para interpretar Arigó como mais um tipo místico que aparece no país, descambando para o charlatanismo, é assumir uma atitude simplória e não científica. Explicá-lo pela Psiquiatria é simples absurdo, pois mesmo que fosse um psicopata, seria um paranoico ou esquizofrênico dotado de capacidades paranormais, que se manifestam de maneira objetiva, através de ações concretas, inegáveis, e de efeito duradouro. Atribuir as suas ações à astúcia e à habilidade, é mais do que absurdo. Como pode um prestidigitador simular uma operação de útero, ou mesmo uma operação de catarata, realizando-as na presença de especialistas, sem a menor utilização de um aparato teatral? E como explicar-se que fatos dessa natureza possam ser produzidos pela presença de misteriosos "conteúdos sociais" na consciência de um roceiro, ou pela espantosa presença de reflexos-condicionados no seu autorealismo psíquico? Pois a verdade é que essas e outras "hipóteses" foram aventadas, publicadas, e até mesmo debatidas em programas de televisão.

Relacionando o homem com o meio, mas ambos considerados no plano do contingente, do banal, do corriqueiro, puderam dois observadores falar em termos de frustração e compensação, para classificar Arigó como paranoico. Mas, para explicar as suas ações objetivas, tiveram também de recorrer à acupuntura chinesa, ao katsu japonês, e ao hipnotismo, técnicas, todas essas, inteiramente estranhas ao meio de Arigó e a ele inacessíveis, além de não existir a mais leve indicação de qualquer aplicação de tais técnicas pelo médium. Ignorado, no contexto de Congonhas, o elemento histórico paranormal, — a superestrutura místico-cultural, — e assim reduzido o contexto ao seu aspecto comum, os próprios observadores tiveram a necessidade de acrescentar-lhe elementos estranhos, para justificarem a sua interpretação.

A mesma dificuldade se depara na outra tentativa de explicação: Arigó, como todo homem, é um produto do meio, mas

carrega consigo os conteúdos sociais de consciência, que, misteriosamente aliados a reflexos condicionados, lhe permitiriam agir como sujeito metérgico. Os conteúdos de consciência, entretanto, são uma herança cultural, e os reflexos condicionados exigem tempo de condicionamento. Tanto a herança cultural de Arigó, quanto a sua possibilidade de condicionar reflexos, não oferecem nenhuma probabilidade dessa estranha eclosão de uma capacidade de diagnosticar, receitar, fazer intervenções cirúrgicas e falar alemão ou com sotaque alemão. Mais difícil explicar as relações entre o meio de Congonhas e o homem Arigó, nesses termos, do que explicar a influência dos astros nas oscilações da Bolsa.

Mas há outras considerações, não menos curiosas. Segundo estas, o meio explicaria o homem, em termos de relações telúricas e cósmicas. Congonhas é uma zona de minérios. As radiações minerais, conjugadas com as influências ainda desconhecidas das radiações cósmicas, afetariam os seus nervos, modificando o seu psiquismo e transformando-o num indivíduo metérgico. Mas como explicar que essas influências, em vez de levarem Arigó a plantar batatas ou criar galinhas, como fazem tantos dos seus contemporâneos, o levaram a falar alemão, receitar e fazer intervenções cirúrgicas? E de que maneira essas influências telúricas e cósmicas podem dirigir as mãos do homem, com habilidade e perícia, na realização de intervenções cirúrgicas complexas e delicadas?

Como se vê, podemos dizer, com Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, que essas explicações são mais complicadas e mais fantásticas que as próprias teorias por elas rejeitadas. As relações entre o homem e o meio só podem ser avaliadas nos limites da realidade objetiva. Essa realidade é objetiva, não como um simples contexto sócio-econômico, mas como um contexto cultural, e portanto psíquico. O meio em que Arigó se desenvolveu não é somente material e animal, não se compõe apenas de chão com minérios e de criaturas humanas em relações sócio-econômicas. As estátuas do Aleijadinho são disso uma prova. Há todo um poderoso conteúdo espiritual em desenvolvimento, através do tempo, sobre o chão de minérios de Congonhas do Campo. Esse conteúdo, ou esse processo, é que tem de ser

considerado, em qualquer análise do binômio homem-meio, no caso Arigó.

Encarado através da Sociologia Situacionista, o homem Arigó apresenta uma "situação" comum, de simples elemento de uma coletividade típica, com um "status" vulgar de operário e pai de família, membro da Igreja a que pertence a maioria. Seu modo de vida, seus hábitos, sua maneira de ser, em nada o descaracterizam. Seu desenvolvimento cultural não excede o mínimo de conhecimentos que constitui o nível da maioria da população. Bem integrado no meio social, a ele se liga pelos laços tradicionais de família, pela obediência aos costumes, tendo sido mesmo uma criança e um jovem que cresceu normalmente, sem rebeldias nem complicações.

Como descobrir, nesse indivíduo de "status" comum, os germes da conduta posterior, que o vai colocar na posição de figura excepcional, sem entretanto desligá-lo da "situação" natural, a que continua apegado? Kurt Lewin, que deu a mais bela contribuição para a Psicologia-Social, propoz o estudo da relação homem-meio em termos de sua teoria de campo. Realmente, no "campo" de Lewin encontramos a equação total que a Parapsicologia procura realizar através da experimentação objetiva: a personalidade (psicologia profunda) está sempre em relação com a situação (meio) e dessa combinação resulta o comportamento ("behavior", psicologia superficial). Os três elementos desse contexto formam o campo psico-social, que é determinado ou caracterizado pelo passado. Este influi na personalidade como um passado individual, mas influi também no "campo", como tradição, oferecendo os estímulos situacionais que desencadeiam as virtualidades pessoais.

Numa colocação do problema, nestes termos, torna-se mais fácil compreender a relação homem-meio, no caso Arigó. O determinismo sugerido pelas interpretações que criticamos acima, determinismo que decorre das influências cegas do social e do cósmico, é substituído por uma interação determinismo-livrearbitrio. Arigó não aparece como uma espécie de "robot" social, movido por conteúdos da consciência que se manifestam em reflexos-condicionados, nem como um "robot" cósmico-telúrico, movido pelas influências minerais e cósmicas, mas como uma personalidade condicionada pelo meio em que age, e em que

age por vontade-própria. Reportando-se agora ao primeiro capítulo, que talvez lhe tenha parecido mitológico, o leitor verá que partimos de uma premissa científica.

Resta esclarecer que a vontade própria, no caso Arigó, deve ser entendida como a ação de suas potencialidades subliminares, de suas virtualidades estimuladas pela situação. Essas virtualidades, ao passarem de potência a ato, constituiriam o seu modo de agir "consciente", nos momentos de vivência paranormal. Não dispõem as ciências, no momento, de elementos que possam esclarecer esse fato misterioso, em sua mecânica profunda. A explicação espírita é a da ação de uma personalidade extra-física (Dr. Fritz) sobre o psiquismo predisposto do médium (Arigó). Neste caso, as relações mesológicas responderiam pela predisposição, e as relações históricas, implícitas no contexto carismático de Congonhas do Campo, pela presença da personalidade extra-física.

IV

PERFIL SOCIAL DE ARIGÓ

Depois de tudo o que vimos no capítulo anterior, a única classificação possível de Arigó é a de "sujeito" paranormal. Não diremos personalidade, porque, como personalidade, trata-se de um homem normal, com as características comuns de um caboclo mineiro (caboclo no sentido de caipira), vivendo normalmente na sua cidadezinha natal, casado e com numerosos filhos, trabalhando para sustentar a família. Seu tipo físico é o de um caboclo moreno, de cabelos negros e olhos escuros, bigodes e sobrancelhas cerrados, fronte larga, nariz reto, medindo mais ou menos um metro e setenta ou oitenta centímetros de altura, tórax largo, pescoço grosso e curto. Está sempre de camisa-esporte, aberta ao peito, de mangas curtas, pelo meio do ante-braco, os braços nus, cobertos de pêlos negros e fortes, barba cerrada.

A esse tipo físico, que corresponde em parte à categoria dos atléticos de Kretschmer, podemos juntar a classificação temperamental ciclotímica, do mesmo autor. Trata-se de uma correlação somatopsíquica apenas deduzida de observações pessoais, e dada a título de informação orientadora. Esta classificação entra na pauta das discordâncias entre os tipos somáticos e temperamentais, verificadas por Kretschmer. De constituição sólida, aparência saudável, Arigó é extrovertido, sociável, espontâneo e nervoso. Nada revela do tipo esquizotímico de Kretschmer. É um homem prático, que mal aprendeu a ler e escrever, pelo que provoca riso, nos que o conhecem, a afirmação de que possui biblioteca especializada em medicina e consulta literatura farmacêutica para receitar.

Feito assim, ligeiramente, o seu retrato somatopsíquico, podemos delinear o seu perfil social. José Pedro de Freitas, vulgo Arigó, nasceu a 18 de outubro de 1921, na Fazenda do Farias, em Congonhas do Campo, filho de Antônio de Freitas Sobrinho e Maria André de Freitas. Família tradicional da região, pai e mãe naturais de Congonhas, católicos praticantes e de tradição. Esta condição, numa pequena cidade mineira, que já classificamos como carismática, devia ser uma garantia de fidelidade à religião familiar, tanto mais que Arigó, pelo seu próprio temperamento e sua pouca disposição para as questões teóricas e metafísicas, parecia indiferente às mesmas. Praticou desde cedo a religião da família e nela se integrou.

A 18 de setembro de 1942, portanto um mês antes de completar 21 anos, casou-se com a jovem da mesma idade, Arlete Soares, que passou a assinar Arlete Soares de Freitas. Dêse casamento, nasceram seis filhos, que são: José Tarcílio de Freitas, hoje com 19 anos; Haroldo, com 16; Ery, com 14; Sidney, com 12; Leôncio Antônio, com 10; e Leonardo José, com apenas 4 anos. O casal está com 42 anos. Numerosa família, que José Pedro de Freitas sustenta com o seu trabalho, dedicando-se amorosamente ao lar. Declarou-nos pessoalmente, e o confirmamos ouvindo diversas pessoas da cidade, que passou sua adolescência e juventude alheio aos desregramentos comuns da mocidade, sem vícios, mantendo-se casto até o matrimônio.

Esta condição, que poderia parecer estranha, para os que estão habituados à liberdade excessiva que se concede aos jovens, em nosso país, em contraposição ao rigor com que são controladas as moças, nada tem de anormal. Revela, pelo contrário, uma pureza de caráter, que condiz perfeitamente com a predisposição à fenomenologia paranormal. Bozzano acentua, em "Popoli primitivi e manifestazioni supernormali", que essa condição de pureza é considerada, entre os povos primitivos, como indício de possibilidades medianímicas. O mesmo se verifica nas civilizações orientais e na antiguidade clássica, como sabemos, no tocante à escolha dos candidatos a pitonisas e oráculos. Também os médiums Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira (este médico) de Uberaba, revelaram desde cedo as mesmas disposições.

Quanto à formação cultural, Arigó fez o curso primário completo no Grupo Escolar Barão de Congonhas, obtendo o diploma

ao fim do quarto ano. Entregue desde criança aos trabalhos rurais, foi trabalhador de enxada na Fazenda do Faria, onde nasceu. Lidou posteriormente com tropas e carros de boi, até 1942, quando se casou. Durante dois anos, foi proprietário de um pequeno bar em Congonhas, mas o problema do fiado o obrigou a desistir do comércio. Levou então seis anos, de 1944 a 1950, trabalhando na picateta, para a extração de minérios da Siderúrgica Nacional. Passou depois a praticar na agência do IAPTC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Empresas de Transportes e Cargas) até ser nomeado para servidor da mesma, onde trabalha há catorze anos. Do meio dia às 18 horas trabalha na agência, onde tem inclusive a incumbência humilde de levantar a porta de aço e atender aos beneficiários, encaminhando-os na obtenção dos documentos de que necessitam.

Além dessas atividades, Arigó participou ativamente da vida política e social da sua cidade. Foi líder sindical, cabo eleitoral, candidato a prefeito, perdendo para o adversário que era um seu tio. A derrota foi por poucos votos, e as informações que temos dizem que Arigó venceu na zona rural, perdendo na urbana. Este fato, comum e sem maior significação, foi interpretado "psicológicamente" como motivo fundamental para desencadear as faculdades paranormais do sensitivo. A interpretação, entretanto, foi capciosa: a frustração política teria levado Arigó a buscar compensações.

Como também havia sido responsável por uma seqüência de abastecimento dos mineiros, na zona rural, onde lidava com drogas farmacêuticas, teria encontrado nesse trabalho a sugestão do curandeirismo. Em matéria de explicação hipotética, sem nenhum indício de comprovação das possíveis influências, das crises produzidas no espírito do sensitivo por êsses acontecimentos, é o que há de mais gratuito. Dessa maneira, através de suposições cômodas e imaginosas, podemos explicar gratuitamente as mais graves variações da conduta humana. Mas é evidente que ninguém poderia levar-nos a sério, a menos que desconhecendo inteiramente o que hoje se entende por interpretação psicológica e psiquiátrica.

O Espiritismo nunca lhe interessou, segundo declarou-nos, acrescentando mesmo que "fugia dele, como o diabo da cruz". Católico praticante, confessava e comungava freqüentemente e nada queria com qualquer outra religião, pois tôdas elas lhe

pareciam heréticas. A eclosão das faculdades paranormais verificou-se de maneira súbita, quando Arigó se encontrava em Belo Horizonte, hospedado no Hotel Itáliaia, na companhia do senador Lucio Bittencourt, que sofria de câncer. Estavam em quartos separados. À noite, Arigó apareceu no quarto do Senador, transformou-se "num alemão enorme" e operou-o. O próprio Arigó não teve consciência do fato. Ao ouvi-lo, relatado pelo Senador, entendeu que tudo não passara de um sonho do amigo. Posteriormente, viajando para os Estados Unidos, a fim de submeter-se à operação de que necessitava, o Senador foi cientificado, na clínica norte-americana, de que já estava operado e nada mais havia a fazer.

O relato deste caso é complexo. Arigó o faz com pormenores. Mas adverte que, desde menino, tinha visões estranhas, e a mais freqüente era a de uma espécie de nebulosa brilhante, rodando no espaço. Ouvia, também, vozes em língua estranha, que lhe parecia a alemã. Depois de casado, os fenômenos continuaram e se intensificaram. A primeira aparição do Dr. Adolf Fritz causou-lhe espanto. "Era um monstro — disse-nos êle — com uma barriga enorme e cara de alemão". A primeira vez que pegou uma faca para operar foi em Congonhas, ao visitar uma senhora idosa, que agonizava. Operou-a inconscientemente, em estado de transe, à vista das pessoas presentes, extraindo-lhe um tumor do ventre. Daí por diante, nada mais o deteve. Foi processado e condenado, em 1958, por exercício ilegal da medicina, mas o médico Juscelino Kubitschek de Oliveira, então presidente da República, indultou-o.

Durante cinco anos, Arigó realizou suas operações e curas por receituário, como católico. Há sete anos, levado pelas próprias controvérsias em torno de suas atividades, e pela campanha que elementos do clero lhe moveram, Arigó resolveu tornar-se espírita. No tocante às curas e operações que realizou, quando ainda católico, as informações são quase fantásticas: dizem que chegou a operar sacerdotes, bispos, e até mesmo um alto dignitário do Vaticano, íntimo de S.S. o Papa Pio XII, que teria agraciado o médium com um crucifixo de ouro. Moacyr Jorge, reporter dos "Diários Associados", que vem divulgando o caso Arigó em São Paulo há vários anos, publicou uma reportagem a respeito no "Diário de São Paulo". O escritor Jorge Rizzini, que realizou

duas filmagens das operações de Arigó, e tem feito numerosas conferências a respeito, no Brasil e no Exterior, também sustenta estes fatos, em folhetos que publicou.

De qualquer maneira, o que nos interessa é a curiosa posição do médium, operando e recitando, em estado de inconsciência, durante o largo período de cinco anos, sem interessar-se pela questão mediúnica. Esta posição só pode explicar-se pelo temperamento de Arigó, extrovertido, desinteressado de indagações metafísicas, de problemas religiosos, e ao mesmo tempo ambiente de Congonhas do Campo. O primeiro grupo espírita que ali surgiu foi em torno de Arigó. Esse grupo fundou o Centro Espírita Jesus Nazareno, onde o médium passou a realizar os seus trabalhos e recebe osromeiros que vão a sua procura, provenientes de todo o país.

As relações de Arigó com os consulentes são as mais curiosas. Atende-os com uma dedicação elevada ao sacrifício: das 6 horas às 10 e meia os recebe no Centro; deixa-os para almoçar e seguir para o seu trabalho, na agência do IAPTC; às 18 horas, encerrado o expediente da autarquia, volta para o Centro e continua a atender o povo, geralmente até às 21 ou 22 horas. Milhares de pessoas acorrem, sem cessar, diariamente, à cidadezinha carismática. Linhas de ônibus foram criadas para levar os consulentes, linhas de auto-lotação, de perua, e até mesmo de aviões. Arigó se transformou no centro principal de atração de Congonhas. E tanto nas suas pregações, quanto no trato pessoal com os consulentes, não faz concessões, não procura agradar. É rispido, às vezes agressivo. Não raro, repreende-os com energia.

Na agência do IAPTC, sempre em mangas de camisa, com a maior naturalidade, mantém relações normais com os colegas e com o público. Mas não atende os doentes. As pessoas que passam pela rua, em geral o cumprimentam ou dirigem-lhe gracejos, que ele responde alegremente. Apresentou-nos dois médicos da cidade, que o apreciam, e antigos moradores, que o conhecem desde criança. Nessa intimidade afetiva das pequenas cidades, vê-se que os velhos amigos do médium continuam a tratá-lo com naturalidade. Os atritos religiosos, os processos judiciais, a ameaça constante de ação policial, os ataques de elementos fanáticos, as referências desairosas e mesmo as calúnias publicadas na imprensa do Rio e São Paulo, nada disso modificou a situação de Arigó,

nas suas relações com muitos dos seus velhos amigos. Certamente alguns desertaram, benzeem-se à distância. Mas Arigó continua a ser o menino que cresceu em Congonhas, hoje pai de seis filhos, empenhado no tratamento de milhares de doentes, que o procuram sem cessar.

Este perfil social de Arigó pode ser confrontado com a realidade. Qualquer pessoa que se dirija a Congonhas do Campo encontrará o médium nas suas atividades religiosas — porque hoje, para ele, atender ao povo é praticar a sua nova religião — e também em suas atividades profissionais, na agência sutárquica em que trabalha. Essa espontaneidade do caso Arigó, que se mantém através de todo o clangor e de todo o clamor que se levantou no Brasil e no estrangeiro, a seu respeito, é em si mesmo um poderoso elemento probatório da naturalidade e da legitimidade de suas faculdades paranormais.

Arigó é o mesmo homem franco, sociável, comunicativo, de antes da eclosão mediúnica. Católico ou espírita — ainda hoje fazendo o "Nome do Padre" e repetindo orações da Igreja — o sensitivo de Congonhas é a mesma criatura simples, o mesmo cachorro autêntico das antigas lutas sindicais e campanhas políticas. Não obstante, já não se interessa mais por esses assuntos. Mesmo porque não dispõe de tempo para pensar em outra coisa, além das suas obrigações profissionais e mediúnicas. Sua própria família se dilui na família maior dos consulentes, na multidão que o cerca, pedindo socorro e cura.

V

SITUAÇÃO SOCIAL DO ARIGÓ

Esboçado o perfil social do Arigó, que permite ao leitor ter uma idéia mais precisa de sua personalidade, procuremos tratar desse estranho emaranhado que é a sua situação social em Congonhas do Campo. José Pedro de Freitas vive numa espécie de intermúndio, entre a riqueza e a pobreza. Reflete-se, na sua vida, a própria situação de sua cidade natal, pousada entre montanhas de minérios e vivendo humildemente a sua pobreza secular.

Os pais de Arigó, seus tios e irmãos, gozam de boa situação financeira, exercendo, alguns, funções políticas de importância. Seu pai foi presidente da Câmara Municipal de Congonhas, e um seu tio, como já vimos, disputou com ele a Prefeitura e ganhou-a. Um de seus irmãos mantém a pensão que recebe os doentes. Homem de posse, muito parecido com o médium, fez declarações à imprensa, quando acusado de explorar a mediunidade do irmão. Disse, então, em reportagem de Moscyr Jorge, publicada no "Diário de S. Paulo", que montou a pensão para que os doentes não ficassem abandonados nas ruas, mas não precisava dela. Aconteceu que os doentes pobres nada pagavam, sendo justo que os outros, de posse, o fizessem. Acrescentou que só de extração de minérios, em terras de sua propriedade, tinha na ocasião rendas superiores a trezentos mil cruzeiros, e convidou seus acusadores a verificarem o fato nos Bancos.

A questão da pensão tem sido muito explorada pelos adversários de Arigó. Na realidade, trata-se de uma pensão modesta, desprovida de qualquer comodidade. Os hóspedes se arrumam como podem, pagam diárias baratas, e muitos realmente não pagam nada. O próprio Arigó, ao atender um doente, muitas vê-

zes lhe diz: "Você não pode pagar pensão, mas precisa ficar mais uns dias. Vá à pensão e diga que eu pago". Quem fala, nessas ocasiões, é o Dr. Fritz. A expressão "diga que eu pago" equivale a ficar de graça. Mas nem tôdas as pessoas compreendem isso. Pensando que é Arigó quem vai pagar, ou que é na conta dêle que as despesas serão lançadas, imaginam ligações financeiras do médium com a pensão. Por outro lado, tem havido pessoas que se aproveitam da aglomeração humana e praticam pequenas explorações. E há também os casos de incompreensão, de pessoas que se julgam exploradas quando têm de pagar a pensão, e coisas semelhantes. Arigó adverte constantemente, nas suas pregações, que nada recebe, nada quer lucrar, que o seu trabalho é inteiramente gratuito. Mas isso não impede que se levantem suspeitas e calúnias a seu respeito. Na sua entrevista à imprensa, o irmão de Arigó declarou que entregaria a pensão a quem desejasse mantê-la, nas condições em que a vem mantendo, ou que a fecharia, se alguém se dispusesse a abrir outra nas mesmas condições.

Durante dez anos, de 1952 a 1962, Antônio de Freitas Sobrinho, pai de Arigó, senhor de muitas terras e propriedades várias, exerceu a presidência da Câmara Municipal de Congonhas do Campo. Perdeu-a em 63, mas continua no exercício da vereança. O tio Prefeito, que venceu Arigó nas eleições de 54, exerceu o cargo apenas durante três meses, falecendo logo a seguir. Um irmão de Arigó possui restaurante em Belo Horizonte, e outro, o caçula de uma turma de dez, está no último ano do curso de direito, na Faculdade da Universidade de Minas Gerais, na capital mineira. Isso depois de ter passado pelo seminário, pois que se destinava inicialmente à carreira eclesiástica. No Grupo Escolar Barão de Congonhas, em que Arigó estudou, leciona uma sua irmã.

A família Freitas é praticamente dona das terras ao redor de Congonhas. Família tradicional, com fundas raízes no solo de minérios da cidadezinha, contribuiu para as obras religiosas locais, inclusive para a construção do seminário ali existente. Uma tia de Arigó, a única pessoa da família que o acompanhou ao se tornar espírita, é a proprietária do sítio em que o médium costuma passar os fins de semana, para descansar um pouco da luta incessante dos dias comuns. Trata-se também de senhora abastada, de quem se diz que possui, além das propriedades em terras

e imóveis, grandes depósitos bancários. Dispõe-se atualmente, segundo estamos informados, a contribuir para a construção de uma sede própria e ampla do Centro Espírita, com aposentos ao redor, para hospedagem gratuita dos doentes que vão a Congonhas.

Diante de tudo isso, pergunta-se como e por que Arigó vive na pobreza. Seus vencimentos no IAPETC são de apenas quarenta e cinco mil cruzeiros mensais. Sua esposa costura em casa, para os alfaiates da cidade, ganhando por peça, para auxiliar o marido na manutenção da família. A única propriedade que o casal possui é uma faixa de sete alqueires de terras, adquiridos aos poucos, e com pagamento a prestações, no tempo em que Arigó possuía o seu bar em Congonhas, que era ao mesmo tempo bar e restaurante. A casa de Arigó lhe é cedida gratuitamente pelo pai. É evidente que o médium está na posição de herdeiro, e por certo, se viver bastante, poderá ainda se tornar muito rico. No presente, porém, sua situação é essa: vive do trabalho, com dificuldades.

Explica-se, entretanto, a estranha situação social, pelas condições especiais de Arigó. A aguda sensibilidade mediúnica, ou as poderosas faculdades paranormais de que é dotado, inibiram-no para as lutas da vida. Arigó nunca soube ganhar dinheiro. Quando montou o bar, tentando iniciar a carreira comercial, viu-se logo enredo em complicações com o problema do fiado. Só um dos seus devedores, naquele tempo, devia-lhe seiscentos mil cruzeiros. É caso conhecido em Congonhas. Tratava-se de um político, que já faleceu. Arigó não sabia negar, nem humilhar ninguém. Sua rispidez no trato com as pessoas decorre do nervosismo provocado pela situação mediúnica. Mesmo assim, essa rispidez não tem por objetivo ferir ou humilhar. De temperamento afetivo, gostaria de oferecer a todos o calor humano do seu afeto, mas nem sempre o consegue. Na vida comercial, porém, jamais conseguiu o triunfo que coroou os esforços de quase todos os seus parentes, inclusive dos irmãos.

A situação de Arigó é um tema para o estudo das relações econômicas nas famílias patriarcais mineiras. Conta-se que o sensível, quando dispensado da Siderúrgica Nacional, acusado de comunista, em virtude de suas atividades sindicais, ficou longo tempo sem conseguir emprego, tendo de vender passarinhos nas ruas para obter recursos. Percebe-se que há, no caso Arigó, tam-

bém nesse terreno, alguma coisa de especial. O seu próprio apelido pode elucidar-nos a respeito. É que o sensitivo teve sempre acentuada preferência para a companhia dos arigós, desde sua vida escolar, e ao entrar para os serviços de extração de minérios colocou-se logo, com a franqueza que o caracteriza, ao lado das reivindicações dos trabalhadores. Ovelha negra da família, amargou o ostracismo na própria cidadezinha natal. Até hoje, Arigó é um problema, criando complicações para os parentes e amigos.

A situação social de Arigó pode parecer um desmentido à tese, que sustentamos, da sua normalidade. O normal em Arigó, poderiam replicar-nos, seria exatamente o seu entrosamento na família. Mas não se mede a normalidade de uma personalidade pela sua aceitação passiva das condições em que nasceu. Muito pelo contrário, um indivíduo anormal pode aceitar uma situação, adaptar-se a ela, sem entretanto integrar-se nela. A adaptação pode ser superficial, acomodaticia, e portanto aparente. Da mesma maneira, a falta de adaptação pode decorrer de desajustes estruturais. Arigó mostra-se perfeitamente adaptado à vida de Congonhas do Campo e à própria família, no plano das relações afetivas, da forma de vida, mantendo seu lar com dedicação e esforço, cumprindo rigorosamente seus deveres profissionais. Mas no tocante às estruturas econômica e cultural, verificam-se atritos explicáveis, tanto nele quanto em qualquer outro temperamento menos propenso à chamada vida prática.

Enfrentamos aqui um problema de psicologia-social, em que o tema da personalidade novamente se coloca. Servindo-nos do conceito de "personalidade-básica", de Kardiner, podemos dizer que Arigó corresponde ao mesmo, quanto à sociedade em que vive. As "instituições primárias" (família, costumes, normas, orientação espiritual) determinaram a sua perfeita integração no grupo social. Mas as "instituições secundárias" (religião, mitologia, valores, sedimentação ideológica) tiveram de sujeitar-se ao que o próprio Kardiner denominou de elaboração individual das variantes singulares. Com Linton, podemos explicar melhor esta situação, pelo conceito de "personalidade-status". O apelido do sensitivo dá-nos a chave do problema. Arigó é uma palavra que define a maneira por que o sensitivo elaborou as "variantes singulares" das "instituições secundárias", descendo, por assim dizer, ao "status" subcultural dos arigós. A partir dali, sua individua-

lidade vai reelaborar a religião, refazer a escala de valores, modificar a sedimentação ideológica do sistema patriarcal-rural, e por fim, recriar a própria mitologia.

Classificar Arigó como anormal, por êsse motivo, seria desconhecer a complexidade dos processos de adaptação, e particularmente a dinâmica da evolução social, que não prescinde das elaborações e reelaborações individuais. No caso de Arigó, o problema da elaboração das variantes singulares revela tôda a sua importância, como em todos os casos de individualidades que modificaram o seu meio social. Assim, a situação social de Arigó não é marginal, mas de perfeita integração no grupo social, onde, tendo adquirido a sua "personalidade-status", desempenha, a partir da adolescência, os "papéis" que ora pertencem às "instituições primárias", em pleno acôrdo com o grupo, ora às "instituições secundárias", forçando o grupo a modificações estruturais ou sofrendo as conseqüências da sua inadaptação a certas formas de estrutura.

Na elaboração das "variantes singulares", Arigó substituiu os valores econômico-financeiros pelos valores morais, preferindo lutar pela justiça social a ganhar dinheiro e amedilhar fortuna; no tocante à religião, suas faculdades paranormais o forçaram a romper com a tradição e abrir uma "nova frente"; ideologicamente, procedeu a uma reformulação das constantes sociais, que lhe valeu o anátema de comunista; e quanto aos mitos, não só adotou outros deuses, como tornou-se a fonte de tôda uma nova mitologia, como veremos.

VI

MITOLOGIA DO ARIGÓ

A partir das vozes do seu "daemon", Arigó tornou-se passível da condenação do meio, como Sócrates e Joana D'Arc. Mas quando um homem começa a ouvir certas vozes, não há como não obedecê-las. O "daemon", ou demônio, ou espírito, que falava a Arigó, já sabemos que era alemão. Dizia-se médico, falecido na guerra mundial de 14-18, e queria que Arigó lhe servisse de instrumento para realizar curas e fazer operações. Arigó nos afirma que nunca pensou em tornar-se nem sequer enfermeiro, quanto mais curandeiro ou médico. Mas o Dr. Adolf Fritz não se importou com isso. E como afinasse bem com o médium, logo se tornaram amigos. Arigó adotou, a partir desse instante, um novo deus, para enriquecer a sua mitologia tradicional.

Com essa adoção, entretanto, Arigó se arriscava a tomar a cicuta. Porque Fritz era uma espécie de cabeça-de-ponte de toda uma invasão mitológica. Deus secundário, como o deminurgo platônico, não pretendia o demônio alemão derrubar os poderes constituídos. Seu único desejo era trabalhar, fazer o bem, curando o próximo. Por isso mesmo, conservou Deus no seu comando supremo, aceitou Jesus Cristo como chefe do seu trabalho, permitiu que todos os mitos tradicionais continuassem no Olimpo de Arigó. Quando, porém, os trabalhos foram se desenvolvendo, outros deuses apureceram: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; Frei Fabiano de Cristo, o enfermeiro; Dr. Catarachi, médico japonês; Dr. Pierre, médico francês; Papudo, o comandante de um exército de seiscentos pigmeus africanos; mais alguns médicos, especialistas do Outro Mundo; e, por fim, Allan Kardec, que embora não esteja presente no Olimpo, foi quem deu a demão final na

nova mitologia de Arigó, fornecendo-lhe orientação e esclarecimento sobre os fenômenos e quanto aos rumos do trabalho a realizar.

Ao dar a este capítulo o título "Mitologia de Arigó", não atribuímos a natureza mitológica, no sentido comum, aos mitos antigos e novos do sensitivo. Interessa-nos, no plano da Psicologia Social, o sistema de entidades metafísicas, e de fábulas e alegorias que o completam, exercendo função específica na orientação da conduta. Assim, embora considerando pessoalmente como verdadeira a existência espiritual do Dr. Fritz, nada nos impede de aceitar a sua posição mítica no caso Arigó, tornando mais fácil a compreensão, por todos, do problema em análise. Além disso, é conveniente lembrar que toda percepção extra-sensorial está intimamente ligada ao mito, que nela exerce uma função tão importante quanto variável. Poderíamos transportar, para a análise parapsicológica, o conceito sociológico de Huntersteiner sobre a fisiologia do mito.

Considerado, pois, no seu duplo aspecto: 1.º) de realidade paranormal individual, ou entidade mitológica heteróloga, que se impõe por si mesma ao indivíduo, em forma individual; e, 2.º) de alegoria ou símbolo, muitas vezes autônoma, elaborada pelo indivíduo, e que exprime realidades metafísicas em forma dramática; o mito constitui todo o sistema de crenças que orienta a conduta. A mitologia tradicional de Arigó era católica. A nova mitologia, que nasceu a partir da intervenção do Dr. Fritz na vida do sensitivo, é espírita. Esta mitologia é a que vai explicar os motivos e a maneira de agir do sensitivo, no processo de suas manifestações paranormais. Para um espírita, como o autor, há dois elementos distintos, mas interatuantes, porque complementares, nessa mitologia: o elemento real, heterônomo, representado pelo espírito comunicante; e o elemento simbólico, elaboração alegórica da imaginação do sensitivo, que autônomo interpreta ocorrências inexplicáveis em termos comuns. Este elemento simbólico pode ser, também, de natureza heterônoma, quando representa uma informação alegórica do espírito comunicante ao sensitivo. Para os não-espíritas, todo o processo se explica, embora com numerosas lacunas e pontos obscuros, apenas através da elaboração alegórica.

Vejam os a explicação do sensitivo, que a dá em estado de transe, falando como Dr. Fritz. Sua primeira revelação pública foi feita pelo escritor Jorge Bizzini, num folheto intitulado "José Arigó: revolução no campo da mediunidade". Segundo o Dr. Fritz, o ex-escultor Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, entendeu, na vida espiritual, que era necessário desviar o povo da idolatria produzida pelas suas próprias estátuas em Congonhas. Organizou, assim, uma equipe de médicos espírituais, que deveriam atender ao povo através da mediunidade, em nome do Cristo. Encarregado de preparar o instrumento mediúnico, o médico Adolf Fritz descobriu Arigó e o observou pacientemente durante quinze anos, estabelecendo com êle a sintonia necessária. Esta foi estabelecida de maneira tão perfeita, que Fritz obteve pleno domínio do sensitivo, para poder realizar suas intervenções cirúrgicas, e ajudar os demais médicos da equipe do Aleijadinho a fazerem o mesmo.

Explica-se, assim, a mecânica das operações aparentemente milagrosas. Fritz é o elemento de ligação constante com o médium, e por sua vez serve de médium (no simples sentido de intermediário) entre os outros médicos e Arigó. Não é Fritz quem realiza tôdas as operações, embora seja êle quem está presente em tôdas. Apoderando-se, com pleno consentimento de Arigó — através do processo hipnótico que permite a comunicação mediúnica — do aparelhamento sensorio-motor do sensitivo, Fritz age como se estivesse encarnado. Nos momentos de diagnose e recitatório, entretanto, a mecânica pode variar bastante: Arigó pode ser simplesmente envolvido pelas influências de Fritz, ouvindo-o ou recebendo suas intuições; e pode também sofrer o processo de incorporação usado nas operações; como pode, sob ação da entidade à distância, agir como se fosse êle mesmo. Tudo depende da gravidade do caso ou das conveniências mediúnicas, tendo-se em vista a necessidade de preservar o médium de exgotamento, ou mesmo as condições do momento, que podem ser propícias a uma ou outra forma de ação.

Resta saber, entretanto, o que ocorre no plano da assepsia e da anestesia, uma vez que o sensitivo não usa, aparentemente, nenhuma dessas precauções. Fritz informa que ambas estão a cargo de Frei Fabiano de Cristo, que se concentra e ora, no ambiente, provocando a descida, de altas esferas, de um jôro de

luz verde, que impregna o ambiente e produz no mesmo tempo a assepsia geral e a anestesia do paciente. Se a luz-verde fôr em excesso, produzirá anestesia geral. De maneira que deve haver um processo de controle, para que ela incida de forma conveniente. Esse processo não é explicado. Rizzini conta que, certa vez, Fritz pediu mais luz, e vários doentes caíram em estado de catalepsia.

Tratemos agora do Papudo e seu exército de seiscentos pigmeus africanos. Papudo é também pigmeu, e Fritz o designa assim, em virtude do papo que lhe engrossa o pescoço. Segundo as explicações do médico, a função de Papudo e seu exército é guardar o recinto, impedindo a invasão do mesmo por "espíritos perturbadores", para o que cercam o Centro Espírita com vigorosas correntes magnéticas, e vigiar as pessoas que procuram Arigó, alertando Fritz quanto às possíveis intenções malfazejas de algumas. Esse policiamento tem por finalidade preservar o médium de qualquer agressão por parte de indivíduos fanáticos, mas não evitar pesquisas ou mesmo intervenções de elementos interessados em "desmascarar o médium", pois que estas intervenções, quando não agressivas, são naturalmente permitidas.

Esta mitologia foi ultimamente enriquecida com a notícia da chegada de um batalhão de guerreiros mesopotâmicos a Congonhas, ao que parece assírios, para ajudar a vigilância dos trabalhos mediúnicos de Arigó, e ao mesmo tempo consolidar a obra iniciada. Esses guerreiros, que conservam as formas perespíritais de sua última encarnação e também a estrutura de suas legiões, estariam agora a serviço do "bom combate", a que alude o apóstolo Paulo. Destacados para o caso Arigó, são entidades que se empenham não somente na vigilância, mas também na orientação das providências que deverão consolidar a nova obra do Aleijadinho, desta vez esculpida na carne e no espírito, através da mediunidade.

Como se vê, é fácil distinguir os elementos da fabulação alegórica, dos que constituem propriamente o objeto das investigações espíriticas, metapsíquicas e parapsicológicas. O contexto dramático, figurado pela presença e a atividade dos pigmeus africanos, bem como dos guerreiros mesopotâmicos, pode ser admitido, espiriticamente, como interpretação simbólica de um processo de defesa magnética do recinto em que se verificam as ocorrências

mediúnicas. Do ponto de vista metapsíquico, escapa a toda possibilidade de investigação, o mesmo se dando no tocante ao parapsicológico, de maneira ainda mais acentuada. Mas é evidente que a Psicologia Social pode admiti-lo, em sentido puramente mitológico, como uma forma arquetípica de racionalização.

Curioso notar-se a natureza cíclica do processo de relações paranormais, de que este episódio nos sugere um esquema. Se nos colocarmos na fase pré-espírita, na posição dos antigos ocultistas e videntes, toda a mitologia de Arigó poderá ser aceita sem restrições. No Espiritismo, com seus princípios racionalistas, surgem as primeiras reservas, determinando a distinção entre o mecanismo da mediunidade e a fabulação. Na Metapsíquica, que se originou das experiências espíritas, as reservas aumentam, mas a intensa investigação científica dos fenômenos de materialização, ideoplastia e infestação (casas assombradas), ainda permite uma abordagem cautelosa do assunto. Na Parapsicologia, que surgiu da experimentação metapsíquica, o rigor dos métodos científicos exclui qualquer possibilidade de exame do possível contexto. Mas na Psicologia Social, que antecedeu a Parapsicologia e se desenvolve no plano das investigações normais, sem nenhum interesse pelo paranormal, o contexto pode ser novamente admitido, de maneira plena, com a simples exclusão do conceito de uma realidade social extra-física.

Através de todos os seus aspectos, como se vê, o caso Arigó se apresenta rico de sugestões. Mesmo quando tratamos da sua mitologia, e embora pondo entre parênteses ou inteiramente a margem os elementos da fabulação, não se podem desprezar as possibilidades interpretativas que ele nos oferece. O ciclo de abordagem metafísica que se abre com o Ocultismo, fecha-se, de maneira científica, racional, no plano do estudo das motivações do comportamento coletivo, com a Psicologia Social. E podemos, indo mais longe, dizer que abre um novo ciclo, ao passar para as indagações da Teoria do Conhecimento, onde a fisiologia do mito se impõe de maneira decisiva.

VII

ARIGÓ PERANTE A CIÊNCIA

Examinando em linhas gerais o caso Arigó, nas suas diversas implicações, pelo menos naquelas que nos pareceram mais evidentes, e demonstrada teóricamente a sua natureza paranormal, resta-nos tentar colocá-lo perante a Ciência, no campo da observação e da interpretação dos fenômenos. Usando a expressão genérica Ciência, pensamos facilitar a compreensão do problema. Na verdade, porém, Arigó terá de ser colocado em face das ciências, tanto as chamadas ciências da natureza, quanto e principalmente as ciências do homem. Não pretendemos realizar essa façanha, mas apenas sugerir as suas possibilidades.

As poucas tentativas nesse sentido, até agora, após doze anos da ocorrência tumultuosa dos fenômenos de Congonhas do Campo, foram a do médico Ladeira Marques, da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, através do livro "Fenômenos Parapsicológicos e Espirituais", que publicou sob o pseudônimo de Cícero Valério, e a dos profs. Ruy Melo, médico-psiquiatra, e Cesário Morey Hessri, professor de psicologia da Universidade Católica de Campinas, numa série de sete artigos publicados pela "Folha de São Paulo", em meados do ano passado. Pecam ambas por tratarem apressadamente o assunto, de maneira limitada e parcial, sendo a última, a série de artigos, de um sectarismo insanável. Ambas as tentativas, portanto, a primeira bem intencionada, a segunda agressiva e até mesmo caluniosa, são como simples tateios.

Não estamos em posição muito melhor, quanto aos tateios, mas podemos apresentar, pelo menos, uma série de depoimentos

de médicos conceituados, inclusive psiquiatras materialistas e alguns especialistas, que se deram ao trabalho de ir a Congonhas e assistir os fenômenos, observando o médium e suas atividades "in loco". Por outro lado, procuramos oferecer aos leitores as indicações que nos parecem necessárias, para a colocação científica do caso Arigó, ou seja, o seu enquadramento no único ramo das ciências atualmente em condições de dominar o quadro fenomenológico do sensitivo. Colocamos, assim, realmente, Arigó perante a Ciência, não com a pretensão de um exame exaustivo e decisivo do problema, mas apenas com a pretensão de ajustá-lo ao foco exato.

O médico Ladeira Marques antecedeu-nos nessa colocação, pelo que a nossa pretensão não é de alarmar, e já tem em que se apoiar. Resta-nos, porém, ampliar o esforço daquele, cujo nome verdadeiro não estamos revelando, porque a revelação já foi feita, numerosas vezes, pelo jornalista Moacyr Jorge, em suas reportagens no "Diário de S. Paulo". Quanto aos articulistas de Campinas, os profs. Mello e Hosri, limitaram-se a partir da temerária premissa do diagnóstico de Arigó como paranóico, desfocalizando o problema para o campo das interpretações psiquiátricas apressadas, feitas a grosso-modo, e com o pecado-original da conclusão preconcebida.

Antes, porém, da publicação do livro e dos artigos citados, o Canal 4, da rede paulista de televisões "Associadas", realizou algumas "mesas-redondas", que não obstante o caráter superficial dessas reuniões, serviram para indicar posições e definir certos rumos na apreciação científica do problema. Assistimos, no próprio estúdio, à mesa de que participaram três psiquiatras: o prof. João Bellini Burza, marxista, com longo curso de especialização realizado na URSS, e os Drs. Pedro Dantas e Alberto Lyra, este último espiritualista, autor do livro "Mente ou Alma", em que reuniu ensaios de Psicologia atual e de Parapsicologia, para contestar a interpretação fisiológica do psiquismo.

Nessa ocasião, o médico José Hortêncio Medeiros Sobrinho apresentou aos membros da mesa um caso assombroso: uma senhora curada de câncer por Arigó, através de simples receituário, depois de haver sido operada várias vezes no Hospital Central do Câncer e encontrar-se desenganada. O caso será relatado no depoimento do referido médico, que incluímos neste volume. Todos

os psiquiatras admitiram a realidade paranormal do caso Arigó, perante milhares de espectadores que acompanhavam o programa. Mais tarde, tivemos a ocasião de debater o problema com o médico Bellini Burza, num programa do Canal 4. O psiquiatra materialista esforçou-se por explicar o caso Arigó através de um contexto de teorias que chamou de nervismo, baseado nas teses fisiológicas do Pavlovismo. Tivemos assim uma interessante colocação científica do caso Arigó, e ao mesmo tempo a demonstração da incapacidade absoluta das teorias materialistas, para a explicação dos fenômenos mais complexos.

Explica o prof. Joseph Banks Rhine, em seu livro já citado, que a maior dificuldade atual para a compreensão e o enquadramento científico dos casos paranormais decorre do preconceito materialista. "Para a maioria dos homens de ciência — escreve Rhine — lei natural tornou-se sinônimo de lei física. As formas de pensamento e de explicação materialistas prevaleceram, em todos os campos de estudo da natureza, inclusive na Psicologia, ciência incipiente da natureza humana". A principal contribuição da Parapsicologia para a Ciência, por isso mesmo, segundo Rhine, é a prova científica da existência do extra-físico. Por outro lado, somente a Parapsicologia investigou e provou a existência da psicocinesia, ou seja, a ação da mente sobre a matéria, através de provas de laboratório. Só ela, portanto, apresenta condições para o exame do caso Arigó.

Acresce ainda que a Parapsicologia faz a distinção entre paranormal e anormal, de maneira nítida, não permitindo as confusões ingênuas a que até hoje ainda são levados psicólogos e psiquiatras, diante da fenomenologia mediúmica. Já vimos a opinião de Rhine a respeito. Robert Amadou, na França, afirma em seu livro "La Parapsychologie": "Os fatos paranormais não são fatos patológicos". Podemos acrescentar, como já dissemos anteriormente, que os fatos paranormais tanto podem ocorrer com personalidades patológicas ou híidas. Dizer, pois, que Arigó é paranoico, e com isso pretender explicar a sua fenomenologia, é tão anti-científico quanto dizer que a terra é plana e fixa. As experiências parapsicológicas em hospitais não indicam, segundo Rhine, nenhuma relação entre as funções psi e os estados patológicos. Já não se trata de relações funcionais apenas, mas de relações entre funções e o estado geral psicofisiológico.

Há todo um processo de desenvolvimento dos estudos nesse terreno, que nos leva do Mesmerismo do século dezoito ao Hipnotismo do século dezenove, à Psicologia profunda do início do nosso século, aos estudos telepáticos impulsionados por Stekel, e, por fim, à Parapsicologia, sem esquecermos naturalmente as grandes investigações da Metapsíquica de Richet e da Ciência Psíquica inglesa, em que se destacam Frederic Myers e William Crookes. Insistir na diagnose psiquiátrica dos sensitivos que produzem fenômenos paranormais, é simplesmente esquecer toda a evolução científica dos dois últimos séculos.

Não fossem, entretanto, os prejuízos culturais acentuados por Rhine, a colocação exata do problema, no caso Arigó, não seria tão difícil. Bastaria seguir-se um critério metodológico básico, dividindo-se os fenômenos subjetivos dos objetivos, como o fez Richet nos trabalhos metapsíquicos, e como o fazem os parapsicólogos atuais, em suas investigações. É claro que esse critério rudimentar não pode ser definitivo. Serve, porém, no caso específico de que tratamos, para afastar a confusão reinante, entre anormalidade psíquica e manifestação de funções psi.

Dentro desse critério simplista, mas eficaz no caso, não há possibilidade de erro. Porque em Arigó predominam os fatos concretos, os fenômenos objetivos. Ora, não é possível enquadrar-se na psiquiatria a prática eficaz de um ato cirúrgico, mesmo quando por pessoa não legalmente, nem culturalmente, habilitada. O mesmo acontece com a penetração e o manêjo da faca nos olhos, quando Arigó se volta de costas para o paciente e continua a perigosa operação. O mesmo com a hemostasia, a assepsia e a anestesia. E o mesmo, ainda, com os casos de cicatrização instantânea, verificadas não somente com Arigó, mas através de outros sensitivos, ou ainda com a movimentação de instrumentos cirúrgicos, nos atos operatórios, sem contato do médium. E por que não? Até mesmo no receituário exato, tantas vezes comprovado, como demonstraremos.

É tanto esse critério seria eficiente, que, para enquadrar Arigó na Psiquiatria, os interessados tiveram de praticar violenta ginástica, precipitando-se em cheio no absurdo, a fim de negarem a evidência dos fatos concretos. Negar os fenômenos objetivos era uma necessidade, para diagnosticar a paranóia do médium. E como negá-los, senão através de explicações mirabolantes? Daí o

recurso à sugestão, à hipnose, à acupuntura, à teoria da "agressão" como meio de despertar reações orgânicas, à teoria da assepsia posterior, por meio de antibióticos, e outros absurdos do mesmo gênero.

Os psiquiatras e psicólogos que conhecem Parapsicologia — não apenas de referência — podem perfeitamente prescindir da hipótese espírita, e até mesmo prescindir de qualquer elemento de natureza espiritual, para admitir e procurar explicar o caso Arigó. Assim procedeu, por exemplo, o prof. João Bellini Burza, como já dissemos. Sem arredar pé da sua posição materialista, sem sequer sair do âmbito da fisiologia pavloviana, o prof. Burza não precisou negar a evidência dos fatos. O mesmo já havia feito Enrico Morselli, na Itália, no século passado, quando reclamou a formulação de um "espiritismo sem espíritos", uma vez que os fatos eram patentes mas a teoria não lhe parecia admissível. E o mesmo faria mais tarde, nos Estados Unidos, John B. Watson, no plano das ocorrências psicológicas normais, ao propor a tese da "psicologia sem alma".

Não é necessário admitir-se a presença do espírito do Dr. Fritz, para aceitar os fenômenos. Não é necessário admitir-se, nem mesmo, a existência do espírito de Arigó. A ciência examina os fatos em si, independentemente das opiniões a respeito. Por isso, Lombroso já declarava, diante dos fatos espíritos, que era "escravo dos fatos". O que é necessário é apenas atualização científica, senso de responsabilidade, honestidade intelectual. Com êsses ingredientes, a colocação científica do caso Arigó se torna fácil: é um caso de Parapsicologia, e não de Psiquiatria.

A maneira mais fácil de nos livrarmos de um problema difícil é enquadrá-lo numa explicação teórica. Mas não é uma maneira científica. Nada existe de científico nessa fuga à realidade. A Ciência enfrenta o real e procura vencê-lo, dominá-lo, compreendê-lo e explicá-lo. Por isso, Ernst Cassirer afirma, em sua "Antropologia Filosófica", que a era das grandes teorizações já passou, acentuando: "Cada teoria se converte num feio de Procusto, em que os fatos empíricos são obrigados a se acomodar, nos limites de um padrão preconcebido". Estamos na era do exame dos fatos empíricos, para aferição das teorias, e não do contrário.

Nada mais cômodo do que dizer que Arigó é paranoico, espartalhão, explorador. Muito fácil explicar que ele receita grande quantidade de drogas para receber propinas de laboratórios, mesmo porque Arigó não dispõe de tempo nem de recursos para entregar quem o afirma à Justiça. Mais difícil, mas evidentemente mais científico, é procurar saber porque Arigó receita nessas condições e até que ponto o seu receituário vem causando prejuízos ou dando resultados. Em vez de se admitir que o receituário de Arigó se aplica a todo o curso da moléstia, porque o doente não pode voltar à consulta constantemente e o sensitivo dispõe de recursos paranormais de diagnóstico e precognição — o que é difícil de admitir, sem conhecimento parapsicológico — é cômodo afirmar, sem nenhuma prova, sem a mínima verificação, que Arigó explora, mata e ameaça a saúde pública.

O professor Binet Sanglé, da Escola de Psicologia de Paris, publicou naquela capital, entre 1908 e 1915, quatro volumes de uma obra que se tornou célebre, diagnosticando a loucura de Jesus. ("La Folie de Jesus", Chez Albin Michel). Partia o autor da formulação determinista de Claude Bernard, sobre as leis imutáveis dos fenômenos. Um episódio em quatro volumes, que exemplifica a imagem do leito de Procusto de Cassirer e caracteriza a atitude "científica" de uma época. Essa época, porém, já vai longe. Duas conflagrações mundiais, a Física Nuclear, e o desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas, nos separam dela. E apesar disso, embora em proporções mais modestas, e em qualidade muito inferior, o curioso episódio se repete entre nós.

No caso Arigó, como no caso de Jesus — sem nenhuma comparação entre ambos, mas comparando-se apenas as formas de julgamento — os fatos empíricos e os fatos históricos tiveram de acomodar-se no leito de Procusto das teorias psiquiátricas. Em nenhum dos dois, porém, a Psiquiatria tem o que fazer. Arigó é um "sujet" parapsicológico, e como tal tem de ser tratado, se quisermos explicá-lo cientificamente. Com isso, não queremos negar as relações existentes entre Psiquiatria e Parapsicologia, mas queremos que elas permaneçam nos limites já assinalados por Rhine, em seu livro acima citado. Arigó, como todos nós, terá os seus pontos de acesso à abordagem psiquiátrica. Mas quando tratamos dos fenômenos extraordinários que o colocaram em evi-

dência, não é esse aspecto que pode explicá-lo, e sim o exame objetivo dos fenômenos.

A personalidade de Arigó, o seu temperamento, a sua tipologia, a sua conduta, podem explicar a maneira por que ele age na produção dos fenômenos, mas não pode explicar os fenômenos em si. Porque outros indivíduos, em condições tipológicas diversas, no mundo inteiro, também produzem os mesmos fenômenos. Quando tratamos destes, portanto, temos de colocá-lo nos quadros científicos da Parapsicologia. A que conclusões chegaríamos, se quiséssemos também submeter os analistas de Arigó ao mesmo processo de enquadramento psiquiátrico?

VIII

EXAMES À PONTA DE FACA

Um dos fatos mais curiosos que presenciamos com Arigó, geralmente divulgado pela imprensa e a televisão, como de natureza operatória, é o que podemos chamar de exame à ponta de faca. Não se trata, realmente, de operação, no sentido de intervenção cirúrgica, nem da raspagem por êle efetuada para extração de pterígios. É simplesmente um exame, mas estranho e violento. Arigó introduz a ponta de uma pequena faca de cozinha, afiada e aguda como uma agulha, entre o globo ocular e a pálpebra do paciente, e maneja o instrumento em tôdas as direções. Depois o retira e examina atentamente. Disse-nos, falando como Dr. Fritz, que pelos resíduos encontrados na lâmina pode avaliar a sanidade ocular do paciente e verificar a espécie de moléstia, infecciosa ou não, de que seja portador.

Estiveramos conversando com Arigó na agência do IAPETC. Contara-nos detalhadamente o caso do senador Lúcio Bittencourt, do seu primeiro contato com o Dr. Fritz, das suas lutas para viver e também para atender os doentes que o procuravam. Às 18 horas deixou o serviço na agência, e quinze minutos depois entrava no Centro Espírita. Verdadeira multidão o aguardava. Atravessou a sala, subiu a um estrado de madeira e iniciou uma pregação violenta. Advertiu que na noite anterior vários desordeiros haviam penetrado no Centro e perturbado os trabalhos. Disse que alguns dos presentes, antes de chegarem ali, haviam bebericado nos bares. Fazia sacrifícios para atender a todos, mas não aceitava cuidar de trapaceiros e irresponsáveis. Os que não precisavam de nada que fossem embora, voltassem para os bares: "Vão encher os cornos de cerveja!"

Nenhum desejo de agradar, de atrair clientes. Referiu-se aos ricos automóveis de passeio que vira na rua: "Os bonitões vêm aqui para que? De que precisam? Querem vêr milagres? Eu não sou milagreiro!" Lembrava a violência de João Batista nas margens do Jordão. A violência profética da Bíblia explodindo ao vivo em Congonhas do Campo. Os profetas de pedra do Alcajatinho haviam descido do adro do Santuário para o casébre humilde, diante do povo estupefato. Em mangas de camisa, braços nus, numa gesticulação agitada, apontava a porta da rua: "Chico Xavier é um santo, mas eu, não! Vocês vão a Uberaba e fazem o que querem, mas aqui, não! Sou um homem imundo e sem educação. Não chamei ninguém aqui, mas não quero "pinguço" aqui dentro. Os que andaram bebendo nos butequins não me venham pedir receita, ponham-se pra fora!" Depois, um silêncio em que coçou a cabeça e murmurou entre dentes: "Estou nervoso, muito nervoso!" E olhando para cima: "O Alto hoje está nervoso!" A seguir, abrandando a voz e os gestos: "Dr. Fritz está dizendo que os que precisam formem na fila. Vou atender".

Desceu do estrado e passou pelo povo de cabeça erguida. Entrou na saleta de receituário e fechou a porta. Ficou lá sozinho. Esperamos ao lado da porta. Um minuto, quando muito, e abriu-a. Mas quando saiu, era outra pessoa. No andar, nos gestos, na fisionomia, principalmente no olhar, que parecia embaciado e distante. Antes de abrir a porta, pronunciara frases em alemão. Agora, andar pesado, atitude firme, quase arrogante, voltou para o estrado e chamou um dos presentes para ajudá-lo. A ajuda consistia em segurar a lâmpada de um pendente, para iluminar de perto o rosto dos pacientes.

Estávamos longe. Procurou-nos com o olhar e chamou-nos também. Antes de examinar o primeiro paciente, fez questão que examinássemos a faca. Era cortante e ponteguda, uns quinze centímetros de lâmina. Os doentes subiam e desciam do estrado, um a um. Arigó os examinava a ponta de faca, com extrema rapidez. A seguir, diagnosticava, receitava ou recomendava operações. Às vezes, numa espécie de exibição, deixava a faca pendurada num olho do paciente e dirigia brincadeiras ao povo. Os pacientes não reagiam, não levantavam a mão para se defenderem, não reclamavam nem gemiam. Arigó mostrou-nos, várias vezes, a lâmina suja de sangue e pôs: "Sinusite frontal" ou "Inflamação ocular

séria, precisa limpeza". Limpava a faca nas mãos, nas roupas do paciente, e continuava o exame. Não examinou uma jovem, dizendo-lhe: "Você já sabe que é karma, não tem cura. Vai pro receituário. Vou dar receita pra ajudar". De dois pacientes nos disse: "Câncer, não tem cura, coltado!"

Quando o último paciente desceu do estrado, o rapaz que segurava a lâmpada quis ser examinado. Arigó mandou que ele tirasse os óculos, e, voltando-se para o povo, disse: "Este vai segurar a lâmpada pra ele mesmo. E' grandão, vou enterrar a faca até o cabo!" O paciente ficou nesta incrível posição: segurando a lâmpada sobre o rosto com a mão direita, e com a mão esquerda segurando os óculos, o braço estendido ao longo da perna. Arigó introduziu-lhe a faca nos dois olhos e remexeu-a tanto que, em diversas ocasiões, parecia prestes a rasgar-lhe as pálpebras com a ponta aguda do instrumento. Virava-lhe as costas e continuava o estranho exame, sem olhar, falando com o público. Por fim, introduziu a faca, com violência, na direção da sobrancelha, no olho direito, deixou-a pendurada e mandou o paciente abrir os olhos. Parecia absurdo, mas o rapaz abriu-os. Retirou a faca e no-la mostrou, suja de sangue e pôs: "Fiz um furo ali no solo do seio frontal, pra vasar. Vai vasar dois dias. Depois para. Tá curado. Só precisa tomar uma receita. Agora vai fazer curativo". O curativo constituía apenas em pingar duas gotas de colírio em cada olho.

Esse rapaz era nosso familiar e tinha ido conosco, na companhia de várias pessoas de São Paulo. Interpelámo-lo. Não sentia dor nenhuma, e por isso não reagira. Tinha seus movimentos absolutamente livres. Se quisesse, podia ter erguido as mãos, segurando as mãos de Arigó, ou saltado do estrado. Não fez nada disso porque realmente queria ser curado. Nenhuma força estranha o detivera, nem limitara os seus movimentos. Estivera perfeitamente consciente. Entretanto — e isto nos parece sumamente importante — ao presenciar todos os exames, não acreditara que os pacientes não sentiam dor. Pensava que estavam inibidos, e só por isso não reagiam. Quisera verificar pessoalmente o que se passava, e estava satisfeito.

Os demais pacientes, interpelados por nós, confirmaram as declarações do nosso companheiro. Essas declarações confirmavam numerosas outras, que ouvimos de pessoas de São Paulo, Rio

de Janciro, Belo Horizonte e Curitiba. Uma observação a fazer é que, durante a preleção inicial, falando como Arigó, o médium mantinha sua pronúncia acaipirada. Durante os exames, e posteriormente, no receituário, como Dr. Fritz, pronunciava com acentuado sotaque alemão, sem nenhum esforço, sem o mais leve momento de traição. Na fase dos exames, teve um acesso de tosse, pois estava gripado. Suspendeu o exame e levantou a cabeça, reclamando providências em alemão. A tosse passou imediatamente e Arigó prosseguiu no trabalho, com a maior naturalidade, sem nada falar a respeito do caso.

Acompanharam-nos a Congonhas do Campo, nessa ocasião, e assistiram a tudo quanto descrevemos, o casal Luiz Lebert, êle industrial, e ela, Maria de Lourdes Lebert, escritora, jornalista e radialista, recentemente falecida num desastre de avião; o casal José Chaima, comerciantes; o cirurgião-dentista Raul Soares, atualmente residente em São Manuel, na Sorocabana; o comerciante Vicente Zanoni Neto e a sra. Maria Virginia Ferraz Pires, respectivamente genro e esposa do autor. Em Congonhas, encontramos o banqueiro José Alfredo de Almeida, o reporter Moacyr Jorge, dos "Diários Associados", o industrial Waldemar Theil, o inspetor-fiscal Renato Wash Rodrigues, irmão do saudoso pintor Wash Rodrigues, êstes dois últimos acompanhados de suas esposas. E várias outras pessoas.

Após os exames, Arigó se dirigiu à saleta de receituário. Acompanhamo-lo e ficamos sentados ao seu lado, observando caso por caso. Devemos acentuar que estamos relatando as nossas observações pessoais, antes dos depoimentos médicos, por uma questão de método. Primeiro, porque realmente quisemos verificar o caso de maneira pessoal e direta; depois, porque foi essa a ordem natural do nosso procedimento. Quando procuramos os médicos, já tínhamos as nossas próprias observações e a nossa conclusão: a certeza de se tratar de um caso de fenomenologia paranormal. Nossa longa experiência no assunto faz-nos agir sempre com a maior cautela. Sabemos quanto o terreno é escorregadio, e quanto é fácil a credulidade humana. O caso Arigó era de tal maneira espantoso, que os testemunhos sérios a respeito nos deixavam aturdidos. Trata-se de um caso extraordinário, pela sua complexidade e pela variedade da fenomenologia nele presente.

Na saleta de receituário, a um metro de distância do mófium, assistimos a episódios curiosos. A primeira pessoa a ser atendida foi uma senhora, que se queixava de tumor nas virilhas. Arigó, mal ouviu as suas primeiras palavras, começou a receitar, com extrema rapidez. E ao mesmo tempo que escrevia, advertia: "A senhora pita muito (queria dizer; fuma demais). Não pode diminuir essa pitada?"

A seguir, foi atendendo aos demais. Perguntava quem era, de onde vinha, o que sofria. Às vezes se interessava particularmente pelo doente, levantava-se, examinava-lhe os olhos, mandava abrir a bôca. Na maioria dos casos, enquanto a pessoa falava, ele receitava. As vezes não perguntava nada e não queria que os doentes falassem. Para o rapaz, nosso familiar, que havia se submetido ao exame dos olhos, Arigó declarou: "Você tem principio de úlcera no duodeno; três meses de dieta e está curado; não precisa remédio". Receitou, entretanto, para os olhos. E quando o rapaz quis pedir uma receita para o avô, que estava doente em São Paulo, a resposta foi pronta. "Não adianta. Dê o nome dele, pra mim rezar pra ele". Pouco depois, o doente falecia.

Um rapaz que havia passado pelo exame recebe a receita, sem nada falar. Depois, Arigó pergunta quem o acompanhava. Era o pai. Mandou chamá-lo, despachou o rapaz e declarou ao pai: "Ele tem câncer. Já sabia? Não? Vá embora!" O homem gagueja, vacila em sair. Arigó mostra-se compadecido. Levantase, dá-lhe uma palmada no ombro: "Vá embora. Vai curar". O homem se retira, Arigó sacode a cabeça e continua a atender os consulentes.

As receitas se sucedem, de maneira atordoante. Escritas com rapidez incrível. Remédios de laboratórios diversos, os mais recentes, mas também remédios antigos. Não conseguimos anotar tudo. Os diálogos em geral, são rápidos. Quando o doente quer se prolongar em explicações e lamúrias, Arigó se levanta, ou se vira na cadeira, com seus olhos embaciados por uma espécie de neblina, e grita, no sotaque alemão do Dr. Fritz: "Já sei. Vá embora! Tome os remédios". Em certos casos, accentua: "Se não sarar, volte, que eu como a receita". Em outros, manda chamar uma pessoa da família, ou acompanhante, e informa que receitou "só para auxiliar", pois o caso não tem cura. Das 20,15 horas até

às 21,15, mais ou menos, Arigó distribuiu mais de sessenta receitas. A espantosa média de uma receita por minuto.

Uma senhora velha, de sessenta anos, procedente de Sorocaba, começa a falar e Arigó a interrompe: "Vai embora. Você não tem nada. Come demais e dorme demais. Só isso. Mande tirar uma chapa. Se tiver alguma coisa, traga aqui que eu engole!" A seguir, vira-se para um senhor de quarenta anos (idades declaradas pelos pacientes), e diz: "Você, sim, tem doença e precisa curar. Vou receitar". Nada perguntou. O homem nada falou de sua doença. Arigó receitou.

Uma jovem de São Gonçalo de Sapucaí declara sofrer de determinada moléstia. Arigó a encara e diz: "Por que está mentindo? Você não tem nada disso. Ah, sim, tem vergonha de falar. Bolagem. Doença é doença. Nunca fale errado para médico, senão toma remédio errado". A moça enrubece, baixa a cabeça. Arigó pergunta: "Falou certo?" Ela responde: "Não. O sr. tem razão". Arigó lhe entrega a receita e manda-a embora. Registramos seu nome e verificamos a exatidão da procedência, bem como o acerto do diagnóstico paranormal.

Um moço da mesma procedência pede simplesmente uma receita. Arigó pergunta: "Para você?" O rapaz responde que não, que é para a mãe. O sensitivo exclama: "Para ela, pode. Para você, não". Receita e aconselha: "Você, só não comer mais pimenta". Logo mais, um jovem de Belo Horizonte, que se diz corretor de terrenos e sofrer nevralgia facial. Arigó o encara com firmeza, sem nada dizer. Receita e chama o presidente do Centro, entregando a este o papel e ordenando: "Bata a máquina esta receita e rasgue-a". Enquanto o rapaz saía, o sensitivo se voltou para nós: "Não sei como fazem uma coisas dessas. Eu não queria criar caso. Estou aqui por causa de Aleijadinho. Meu lugar era na Inglaterra. Tenho muito que fazer lá". Sobemos depois que o rapaz era um inspetor policial.

Um senhor de cinquenta anos aproxima-se e quer falar. Arigó o interrompe: "Não precisa. Já sei. Você bebe tudo gelado, pita muito. Como quer sarar de bronquite? Bebida e fumo estão acabando com os brasileiros!" Receita e o manda embora. O homem nos confirmou, depois, o diagnóstico. Não precisara dizer uma palavra.

Uma jovem, advogada em São Paulo, queixa-se de encefalite. Arigó a faz andar na sala e ela cambaleia. Desequilíbrio numa das pernas. Arigó adverte: "Fuma como uma danada! Precisa deixar de fumar e evitar carne. Deixe também de bebidas". Ela pergunta: "Dizem que sou médium, serei?" Arigó responde: "Grande médium. Mas não está enquadrada nos seus deveres. Precisa cuidar disso". A moça reclama: tem dores na coluna vertebral, usa colete especial. Arigó responde: "Você não tem nada, não precisa de nada disso. Precisa de ler o Evangelho".

Qualquer pessoa pode verificar, nos casos que relatamos, omitindo nomes por motivos óbvios, os indícios, muitas vezes veementes, das qualidades paranormais de Arigó. Impossível atender a tantos doentes com tamanha rapidez, dando receitas, conselhos, e fazendo advertências acertadas. Nenhuma das pessoas com que falamos desmentiu as advertências de Arigó. Pelo contrário, tôdas as confirmavam. A escritora Maria de Lourdes Lebert, que está nesse caso — embora não tenhamos relatado o seu caso, acima — mandou o seu chofer que entrasse na fila de consultas. O rapaz não sofria nada. Arigó perguntou-lhe: "O que você veio fazer aqui? Você não tem nada. Vá embora! Dê o lugar pra quem precisa!"

As receitas, em geral, eram longas, de medicamentos caros. Arigó declarou a vários doentes, em nossa presença, que não precisavam voltar. As receitas são dadas para todo o curso do processo de cura. Os doentes que devem voltar, recebem receitas menores. Jamais ele aconselhou os doentes a comprarem tôda a receita de uma vez. A várias pessoas, apesar da falta de tempo para atender a todos, ele ainda advertiu: "Compre primeiro os dois remédios de cima e tome; depois, os outros dois; e assim por diante".

Estas observações são necessárias, como elementos que podem explicar, em parte, o absurdo do receituário de Arigó. E dizemos em parte, porque há outros problemas de mais difícil explicação, como a alta dosagem de certas receitas de anti-bióticos. O médico psiquiatra e o professor de psicologia que consideraram o caso Arigó como simples mistificação, referiram-se ao perigo das altas dosagens de anti-bióticos. Mas o fizeram apenas em tese, não apresentando nenhum caso concreto em que Arigó tivesse prejudicado um cliente. Ora, o que importa no caso Arigó é exata-

mente o absurdo, o inusitado. E é dentro das condições absurdas que ele se impõe ao exame dos homens de ciência.

Não vemos, por outro lado, como enquadrar o receituário de Arigó na possibilidade de provir da leitura de bulas farmacêuticas, da ajuda de médicos interessados, ou da prática em ambulatório. Parece-nos que mesmo um médico experiente, para receitar, precisa muitas vezes de recorrer à memória, senão a fichários de medicamentos apropriados aos vários casos. Arigó receita, praticamente, sem pensar. O lápis corre no papel com extrema rapidez, e os mais estranhos nomes de medicamentos saem escritos com perfeição. Isso o que verificamos em Congonhas de Campo, na presença das testemunhas que citamos no capítulo anterior. E tudo isso, confirmado pelos depoimentos que daremos logo mais, nos leva a afirmar a natureza paranormal do caso Arigó, cujo enquadramento científico é inegavelmente parapsicológico, nada tendo a ver com a psiquiatria.

IX

RELATO DE UM ESPECIALISTA

As pessoas que procuram Arigó pertencem a tôdas as classes sociais e graus de cultura, e são movidas pelos mais diversos interesses: desde a curiosidade pura e simples, até a cura de moléstias corriqueiras ou graves, a tentativa de provar que o médium é charlatão, ou o desejo de observação científica. A maioria, porém, se constitui de doentes desenganados, ou cansados de percorrer inutilmente consultórios e hospitais. Além delas, os médicos.

Entre os numerosos médicos de São Paulo que lá estiveram, destacamos os oftalmologistas Sérgio Valle e Peri Alves de Campos. Por feliz coincidência, esses dois especialistas encontraram-se em Congonhas e assistiram aos mesmos fenômenos. Vamos oferecer o depoimento do prof. Sérgio Valle, oculista do Sanatório Padre Bento e do Instituto Paulista de Oftalmologia, autor de numerosos trabalhos científicos sobre a sua especialidade, inclusive o livro "*Exposé relatif à la Choroidité Précoce de Hoffmann*", aprovado pelo Congresso Internacional de Leprologia, em 1938, e prêmio Moura Brasil, no mesmo ano, da Academia Nacional de Medicina.

Além de sua especialidade em oftalmologia, mundialmente reconhecida — seu livro acima citado foi traduzido para o português e para o inglês, tendo nesta tradução repercussão mundial — o prof. Sérgio Valle é também especialista em hipnotismo e técnica letárgica. Como se vê, dispõe de títulos, atividades científicas e experiência médica suficiente, para examinar o caso Arigó e opinar sobre ele. Ouvimo-lo em sua residência, à avenida Barros. Depois de declarar-nos que assistira operações de Arigó, na companhia do colega acima mencionado, acentuou:

— “Não há nada, na atividade do médium, que se possa atribuir a toque letárgico ou sugestão hipnótica. A primeira doente que se apresentou mostrava-se nervosa, com medo de submeter-se à operação. Arigó deixou-a de lado e atendeu a segunda. Com uma tesoura, fez a ressecção do pterígio e o pôs na minha mão. Nada de anestesia, nem de assepsia. Na mesma hora, introduziu um bisturi no ângulo interno do olho da paciente e virou o rosto para trás, movimentando o instrumento. Ao vêr isso, eu disse ao doutor Peri Alves de Campos, que estava ao meu lado: “Ele vai cortar a carúncula”. Arigó ouviu e respondeu: “Não tem perigo; a carúncula não sofre nada”.

— “Ao colocar o pterígio na minha mão — prosegue o médico — Arigó, com o sotaque alemão do Dr. Fritz, me disse: “E’ para você vêr se é pterígio mesmo ou tripa de galinha”. Durante cerca de duas horas assisti às intervenções de Arigó, sem falar com ele, que certamente não sabia quem eu era, nem porque estava lá. Quando foi operar o pterígio, entretanto, ele me chamou para assistir de perto. E me tratou como médico”.

— “Nenhum oculista, em parte alguma do mundo — afirmou o prof. Sérgio Valle — poderia fazer o que Arigó fez, diante de nós. Não é possível praticar-se a cirurgia ocular sem prévia assepsia, sem ambiente adequado, sem instrumentos especiais, sem anestesia. Nenhum oculista pode mesmo aceitar que Arigó faça operações nessas condições. Mas nós o vimos fazer, com espantosa rapidez, sem nenhuma encenação, a plena luz, oferecendo-nos tôdas as facilidades de observação”.

— “Vi, e o doutor Peri também viu — continuou o médico — Arigó fazer o diagnóstico de descolamento da retina. Diagnóstico feito no momento, sem exames prévios, em meio do povo. Arigó disse ao consultante: “O que o senhor tem aí é médico da matéria que trata. E’ descolamento da retina”. O paciente foi devolvido aos médicos. E confirmou, na hora, o diagnóstico, informando que, realmente, os médicos de Belo Horizonte já o haviam comprovado”.

— “Não vi operações de catarata. Não havia nenhum caso e eu teria de permanecer mais tempo em Congonhas para esperar uma ocorrência, o que não me foi possível. Tenho informações de que ele as faz, e ainda pretendo voltar a Congonhas. A operação de cataratas é das mais delicadas, exigindo instrumental e

ambiente especiais, técnica, habilidade e experiência. Nenhum oculista pode acreditar que Arigó faça essa operação, a menos que o veja, ou diante de provas documentais, obtidas com todo o rigor das verificações científicas. Uma das minhas ambições é conseguir tempo para obter essas provas, não só a propósito da operação de catarata, mas também das que assisti”.

— “Quanto aos diagnósticos — prosseguiu o médico — testemunhamos a veracidade das informações, como já esclareci. Posso mesmo acrescentar que os modos rústicos de Arigó chegaram a chocar-me. Ele recebe os doentes e faz diagnósticos de maneira rude, sem nenhuma intenção de agradar, ou pelo menos de evitar o abalo que o paciente pode sofrer. Mas esses diagnósticos, em geral, são confirmados pelos doentes, que o procuram depois de se haverem submetido a exames médicos e de laboratório”.

Interpelado sobre a questão dos “exames a ponta de faca”, o prof. Sérgio Valle respondeu-nos:

— “Assisti a esses exames. Francamente, não sei de que se trata. Ele chega a introduzir a faca na órbita e projetar o olho do paciente para fora. Não sei que espécie de propodêntica é essa. Pode ser, nos casos em que orienta a faca no sentido do soalho do seio frontal, para perfurá-lo e fazer drenagem. Ficaremos no campo das suposições, enquanto não pudermos verificar devidamente os processos por ele utilizados”.

— “O que posso afirmar é que Arigó usa a faca, a tesoura, o bisturi, sem qualquer assepsia. Limpa-os na própria roupa ou na roupa dos pacientes. Não usa anestesia de espécie alguma, nem mesmo hipnótica. Por tudo o que verifiquei, o assunto Arigó participa de duas naturezas: é metapsíquico e médico-cirúrgico”.

A propósito de hipnotismo e letargia, declarou-nos:

— “Não há nada, na atividade do médium, que se possa atribuir a toque letárgico ou sugestão hipnótica. Ele não usa letargia, nem hipnotismo, não se serve de truques nem disfarces, não usa biombo nem sequer age no escuro. Tudo quanto faz é visível e próximo, verificável. E sem dispor de recursos da moderna técnica cirúrgica, utilizando-se de instrumentos inadequados, efetua diagnósticos e operações em tempo recorde. Todos os que o observam atentamente, e de perto, como fizemos, eu e o meu

colega já referido, compreendem a impossibilidade de qualquer explicação desse tipo para os fenômenos. De minha parte, compreendo as dificuldades em que se encontram tantos colegas, mormente quando materialistas, para admitirem a realidade do caso Arigó. E admito os que, apesar disso, têm a coragem de não escapar pela negação ou pelas vias de explicações absurdas”.

Interpelado sobre a tentativa de imitação de Arigó em programa de televisão, por um médico psiquiatra, responderam-nos o entrevistado:

— “Trata-se da exibição de um número código de letargia e hipnotismo, ambos conhecidos e praticados em S. Paulo por centenas de médicos, em suas respectivas especialidades (hipnoterapia e hipnoanalgesia), e por muitos cirurgiões-dentistas, desde que Torres Nery, Passos e Gonzaga, e outros, puseram ao alcance de todos não os seus conhecimentos teóricos e práticos sobre o assunto, bem como as suas discutidíssimas teorias neuro-fisiológicas. A conclusão a que chegou o ilustrado colega que se exibiu na televisão, foi a de que, podendo-se obter a anestesia e a hemostasia pelas sugestões verbais da hipnose, ou pelos toques da letargia, toda a proteiforme fenomenologia de Arigó ficara cientificamente explicada, e, *ipso facto*, desmascarada. É uma conclusão gratuita e pretensiosa”.

Acentuando que, na exibição pela televisão, o médico em causa “nutilou o próprio protocolo”, pois poderia ter ido muito além, servindo-se dos seus pacientes, “que poderiam estar previamente sensibilizados, como é de regra”, o prof. Sérgio Valle proseguiu:

— “Sob a ação exclusiva de hipnotismo, partos e operações se realizaram sem dores, nas mãos do doutor Jules Cloquet. Estalle executou, sob analgesia obtida por passes magnéticos, mais de seicentas grandes intervenções cirúrgicas. Goldscheider e o prof. Daring, de Viena, preferiram a psicoterapia na terapêutica de hipertensão arterial. Markus e Sahlren conseguiram moderar, pela hipnose, a ação de certos medicamentos, como a adrenalina, a pilocarpina e a atropina, cujos efeitos sobre os organismos são bem conhecidos e fáceis de verificar. Isto, porém, é história antiga. Hoje nos vêm, do mundo inteiro, através de revistas especializadas, notícias do grande êxito de hipnotismo, empregado por médicos, cirurgiões-dentistas, psicólogos, educadores, e até por sim-

pica curíostes. As forças miraculosas da sugestão e da hipnose provocam dores e as anestesian, forçam um órgão a trabalhar ou o inibem. Contrariam, baralham, anulam as leis fisiológicas que regulam o metabolismo celular e a especificidade funcional dos órgãos. Múltiplas teorias procuram esclarecer o mecanismo íntimo da hipnose, mas nenhuma é capaz de explicar todos os estados provocados. Bases neuro-fisiológicas, reflexos condicionados, teorias metabólicas, etc., toda essa multiplicidade implica a própria imprestabilidade. A hipnose profunda nos atesta a existência de uma percepção supra-sensorial, supra-orgânica, supra-fisiológica, que contradiz, iconoclastamente, as leis fisiológicas e clássicas de percepção sensorial orgânica”.

A propósito de acupuntura e kuatsu, declarou o médico Sérgio Valle tratar-se apenas de técnicas fisiológicas, absolutamente insuficientes para explicar o caso Arigó. E acentuou:

— “Quem vai a Congonhas e tem a oportunidade que tivemos, de assistir a fenômenos como os que assistimos, não pode contentar-se com explicações dessa natureza. Não nos é possível relatar tudo o que vimos ali. Não se realizaram somente operações, nem se fizeram apenas diagnósticos e prognósticos. Ocorreram interessantíssimos fenômenos de clarividência, que provam a capacidade de percepção extra-sensória de Arigó. Por isso mesmo, não vemos como explicar os fatos, sem a devida atenção para esses aspectos, que hoje já não podem mais ser negligenciados”.

Considerando as várias hipóteses acima referidas, para explicar o caso Arigó, impotentes e insuficientes, mesmo quando conjugadas, o prof. Sérgio Valle acentuou:

— “Não se deve, entretanto, considerar Arigó como um taumaturgo. Não há taumaturgia nas suas práticas. Nem milagre, nem farsa, apenas a ocorrência de fenômenos paranormais, não observados nem estudados com o necessário critério. Já me comprometi a estacionar demoradamente em Congonhas do Campo, quando me ensejar a oportunidade de umas férias, colhendo mais observações diretas e pessoais, fortalecendo-as com as normas da ciência experimental, que não vigoram somente nos tubos de ensaio, mas também nas observações documentadas, para apresentá-las, em primeiro lugar, às associações médicas, se elas se dignarem a tomar conhecimento dos protocolos”.

Dando-nos um exemplo daquilo que chama "a convergência das provas", no caso Arigó, segundo uma proposição do metapsiquista italiano Ernesto Bozzano, o prof. Sérgio Valle acrescentou:

— "Um médico clínico, do nosso convívio diário, cumpridor rigoroso dos seus deveres, professa — nota marcante de sua personalidade — um catolicismo integral. Ao ouvir comentário sobre Arigó, veio contar-me espontaneamente, no seu estilo monossilábico e sintético, que também tinha ido a Congonhas do Campo, na companhia da mulher e de um filho. Obteve receitas, de "medicamentos modernos, dos melhores laboratórios", e declarou-se satisfeito. Disse-me ainda: "Não vimos nenhuma exploração. Quando o doutor Fritz me atendeu, não me fez perguntas. Apenas disse para as pessoas presentes: "Este velho é muito bom católico". Achei engraçado. Depois ele disse: "Aquela sua filha que ficou em São Paulo também precisa de remédio; ela está muito nervosa". Dizendo isso, receitou também para a sua filha ausente".

Comentando o fato, acentuou o prof. Sérgio Valle:

— "Duas verdades supranumerárias, numa entrevista de dois a três minutos. Eis os fatos. Indiferentes à opinião dos seus analistas. Repetem-se. Firmam-se. Proclamam-se. Acumulam-se. Nunca se viu, jamais, um fato deixar de existir para tranquilidade dos seus negadores. "Nada é mais brutal do que um fato", disse Broussais. Evidentemente, para os que não podem ou não querem compreendê-lo".

No fato acima, por cuja veracidade responde o médico Sérgio Valle, há todo um complexo de elementos a serem considerados: a posição religiosa do consulente, católico praticante e médico experiente, duas condições suficientes para anularem ou pelo menos reduzirem bastante as possibilidades de sugestão; o fato de Arigó, sem o conhecer e sem ter obtido informações a seu respeito (pois nem tempo para isso tinha havido) enunciar naturalmente a sua condição; o diagnóstico e o receituário, que o próprio médico considerou excelentes; a revelação, pelo sensitivo, de que o médico havia deixado uma filha em S. Paulo, a diganose à distância e a receita para a pessoa ausente. Como se vê, uma verdadeira "convergência de provas" a favor do sensitivo, de suas qualidades paranormais, e conseqüentemente a favor da nossa tese, confirmada pelo especialista Sérgio Valle, de que Arigó não é um caso de psiquiatria, mas de parapsicologia.

X

UM PROFESSOR DE CIRURGIA

O prof. dr. Ary Lex, autor de conhecido compêndio de "Biologia Educacional", é assistente de clínica-cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, atual membro e ex-presidente da Seção de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina, membro da Academia de Medicina de São Paulo e do corpo médico do Hospital das Clínicas. Tem consultório à praça da República, em São Paulo, pertence à tradicional família paulista, e ocupa um lugar de interesse especial para o nosso caso: o de membro da Comissão de Defesa da Classe, da Associação Paulista de Medicina, sendo dos que mais se empenham no combate ao curandeirismo e aos abusos no exercício da profissão.

Foi nessa qualidade que participou de uma das mesas-redondas do Canal 4, para debate do caso Arigó. Confirmou diante das câmaras de tv tudo quanto aqui relatamos, e que publicamos em forma de entrevista, no "Diário de S. Paulo". Especialista em cirurgia-geral, ninguém melhor do que ele para atestar a veracidade ou não das operações do médium de Congonhas do Campo. Infelizmente, não foi àquela cidade em função oficial, nem mesmo no desempenho de qualquer encargo da entidade de classe a que pertence, ou da instituição científica, ou mesmo do hospital acima mencionados. Como já acentuamos, os cientistas que têm ido a Congonhas o fazem por conta própria. Nossas instituições científicas, até agora, mostram-se desinteressadas do caso.

Declarou-nos o prof. dr. Ary Lex que foi a Congonhas pelo seu interesse pessoal em verificar a existência ou não dos fatos. Sendo espírita, só tem visto, nas pretensas intervenções cirúrgicas

mediúnicas que teve oportunidade de observar, fraudes e embustes. "Nunca encontrei — declarou-nos — um caso de operação mediúnica que resistisse à análise. Estou ciente de que outros médicos os encontraram, mas, nos meus vinte anos de espiritismo, nunca pude verificá-los. A ingenuidade, a credulice, o fanatismo, que afugentam tantos investigadores sérios, é um tremendo impedimento às investigações nesse terreno. Assim, quando tive notícias do que se passava em Congonhas do Campo, não me abalei com isso. Seria um "caso" a mais. Entretanto, os depoimentos e os testemunhos se acumularam de tal maneira, que me senti no dever de locomover-me para lá e verificar o que estava ocorrendo".

A outra pergunta, respondeu-nos o prof. Ary Lex:

— "Não fui na companhia de médicos. Minha desconfiança era demasiada, para que pudesse interessar algum colega na verificação. Fui na companhia do sr. Elísio Ayer, de Alfenas. Mas encontrei-me em Congonhas com o prof. Walter Accorsi, docente e ex-diretor da Escola Superior de Agricultura, de Piracicaba, que assistiu comigo a vários fenômenos. Aliás, toda uma caravana, de trinta e tantas pessoas de Piracicaba, lá se encontrava, e nela encontrei também a profa. Liggie Barbosa, que presenciou os fatos. Não tenho a menor dúvida em afirmar que os fenômenos são reais. Pela primeira vez deparei-me com eles e pude analisá-los de perto. Arigó é realmente um caso extraordinário de fenomenologia paranormal".

O prof. Ary Lex, na companhia do prof. Walter Accorsi, assistiu a operações e a receituário de Arigó. Confirma a realidade das primeiras, mas faz objeções ao segundo. Esclarece que a sua posição de espírita convicto, longe de fazê-lo admitir todos os aspectos de um caso paranormal, exige a crítica serena desses casos. Quanto às operações, responde com precisão às nossas perguntas:

— "Arigó, em estado de transe mediúnico, convidou-nos a subir ao local em que ia operar, na frente do povo. Era uma espécie de pia. O médium, embora lhe declinassemos a nossa qualidade de médico, não nos dispensou nenhuma atenção especial. Tratou-nos rudemente. A única gentileza que nos fez foi essa, de convidar-nos para assistir de perto as operações, e posteriormente, para o ajudarmos. O prof. Walter Accorsi também foi convidado a postar-se ao nosso lado. Arigó falava com sotaque alemão. No

espaço de meia hora, realizou quatro operações, que foram as seguintes:

1 — Drenagem de quisto cínovial. Sem nenhuma preparação cirúrgica, sem anestesia e sem assepsia. Não usou nenhuma técnica hipnótica ou letárgica, toques no paciente, ou qualquer outro processo de sugestão, ou coisa semelhante. Drenou rapidamente o quisto, do pulso do paciente, mas não produziu o fechamento ou a cicatrização de que me haviam falado. O simples fato, porém, da realização dessa intervenção, colocou-me diante de um caso real de operação paranormal.

2 — Operação de um lipoma, do braço de uma mulher. Arigó me convidou a segurar o braço da paciente. Isso me permitiu observar a operação de bem perto, a um palmo do meu rosto, e a cronometrá-la. Nas mesmas condições da anterior, Arigó extraiu o lipoma em trinta segundos. Verifiquei um fato estranho, a que ninguém se havia referido anteriormente, e nem se referiu depois. Aliás, só um médico e cirurgião poderia atentar para esse pormenor. Arigó não cortou a epiderme fazendo uma incisão comum. Friccionou a pele com as costas do bisturi, até que ela se abriu. Então, êle apertou o lipoma, que saiu inteiro.

3 — Operação de outro lipoma, nas mesmas condições, com a mesma rapidez e da mesma maneira estranha. Observei a ambas, sem qualquer dificuldade ou impedimento.

4 — Operação de pterígio. Segurei a cabeça da paciente. Arigó realizou a intervenção com uma tesoura de cortar unha. Sangrou bastante. O sensitivo comprimiu o local com algodão e mandou o sangue estancar, produzindo hemostasia imediata. De maneira que só posso classificar como espetacular, Arigó mandou a paciente embora, sem maiores cuidados.

Durante tôdas essas operações, no correr dos atos operatórios, conversei com os pacientes, perguntando-lhes se sentiram dor ou não. Os pacientes estavam conscientes, tranquilos, não reagindo, e respondiam nada sentir. Arigó agia com naturalidade, tão senhor de si que chegou a limpar o bisturi, a certo momento, com violência, na cabeça do prof. Walter Accorsi. Êste, também, nada sentiu, apesar da violência de ato".

Feita a exposição do que vira em Congonhas do Campo, no tocante a operações, o prof. Ary Lex informou-nos que assistira

também aos "exames a ponta de faca", verificando que Arigó, muitas vezes, virava o rosto para trás e continuava a manejar violentamente a faca entre a pálpebra e globo ocular do paciente.

— "Provocou algumas vezes a protrusão do olho, fazendo-o como que saltar da órbita. Tudo isso sem assepsia nem anestesia, e sem que os pacientes acusassem dor".

Perguntamos pelas suas críticas a Arigó, e o prof. Ary Lex respondeu-nos prontamente:

— "Primeiro, entendo que o caso devia ser submetido à observação científica, e não vejo em Arigó propensão para isso. Parece-me que a sua tendência é para continuar a agir como vem fazendo, sem sujeitar-se à investigação. Depois, assustou-me o seu receituário, que considero das mais absurdos. Arigó dá receitas completamente descabidas para os casos. Receita com insistência medicamentos superados, como o Olobutin e a Kanamicina. Este último é um medicamento particularmente perigoso, a ponto de nós, médicos, o havermos abolido há muito do receituário".

— "Por outro lado — continuou o médico — não critico apenas Arigó, pois me parece que um caso como esse devia merecer maior atenção dos meios interessados. O fato de não haver controle científico das atividades de Arigó expõe o médium a numerosos perigos. Há inclusive a ameaça de desvirtuamento de suas faculdades. A campanha contra Arigó decorre da falta de comprovação científica dos fenômenos. Houvesse essa comprovação, e ninguém tentaria negá-los ou interpretá-los desta ou daquela maneira. Mas, apesar de tudo, tive a satisfação de observar, pela primeira vez, um caso autêntico de fenômenos paranormais no campo difícil da minha especialidade médica".

XI

CURA DE UM CASO DE CÂNCER

O caso que abaixo relatamos é desses que provocam revolta, e até mesmo indignação, da parte de médicos materialistas ou simplesmente avessos às indagações paranormais. Mas quem o relata é um médico experiente, que teve, através dele, o seu primeiro contato com Arigó. Interpretações diversas lhe poderão ser dadas. Mas o que nos interessa é a realidade dos fatos. Por isso, não procuramos a opinião dos teóricos, dos especialistas famosos, mas o testemunho dos médicos que foram a Congonhas do Campo e observaram fenômenos. O que importa para a ciência, em primeiro lugar, são os fatos. Antes de mais nada, o que interessa, num julgamento científico do caso Arigó, são os fatos que o caracterizam.

O médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho pertence ao corpo clínico do Instituto de Cardiologia do Estado, é radiologista por concurso do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, clínica há muitos anos nesta capital, realizou dois anos de estágio na Suécia, especializando-se em radiologia do coração. Foi a Congonhas acompanhando um casal de clientes e amigos, cujo drama nos consultórios e laboratórios de São Paulo já se havia transformado em tragédia. Diante da impotência da medicina oficial, o próprio médico, desejoso também de verificar o que havia de real no caso Arigó, resolveu seguir com os clientes em busca do sensitivo.

Todos os passos deste caso foram documentados, através de exames radiográficos e de laboratório, de registros e relatórios hospitalares, de fichas e recetário. Omitimos os nomes dos pacientes, porque o médico não quis violar a ética profissional. Mas

é evidente que, num caso de estudo e investigação científica, todos os dados serão fornecidos pelo médico responsável por este relato. Incluímo-lo nesta série como uma das provas mais vigorosas e positivas das faculdades paranormais de Arigó. Passemos aos fatos.

Perguntamos ao médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho pelo caso de câncer que acompanhou, em tratamento realizado pelo sensitivo de Congonhas do Campo. O médico respondeu com um relato completo:

— “Uma senhora polonesa, de 28 anos de idade, foi levada ao posto do Pronto Socorro Municipal da rua Apicinos, em estado desesperador, com síndrome de obstrução intestinal. Examinada e submetida à intervenção cirúrgica necessária, extirpou-se um tumor que lhe obstruía o cólon transverso. Praticou-se uma colostomia (ligação do intestino na pele) com duas incisões abertas, uma para expelir as fezes. O tumor foi enviado ao exame anatomo-patológico, no Serviço de Patologia do Pronto Socorro, que deu como resultado a verificação de carcinoma”.

— “Como se vê, a doente sofria de câncer. Uma senhora que pesava, antes da doença, cinqüenta e oito quilos, passou a pesar, depois da operação, apenas trinta e três. No Pronto Socorro lhe foi dada a alta, com declaração de caso incurável. Porque, além do tumor extirpado, verificara-se, durante o ato cirúrgico, a existência de gânglios aumentados no peritônio e um nódulo no fígado. Nada mais se podia fazer. Era uma mulher condenada à morte”.

— “Não obstante — prossegue o médico — era necessário procurar todos os recursos. A doente foi transferida para o Hospital Central do Câncer, e teve, ali, o seu ventre novamente aberto. Nessa nova operação, nada se pôde fazer, porquanto todo o abdômen estava tomado de metástases, uma das quais do tamanho de um ovo de galinha, situada no flanco esquerdo. A paciente tornou a receber alta, sendo considerada incurável, fora das possibilidades da terapêutica atual, segundo os próprios termos do relatório cirúrgico”.

— “Outro exame anatomo-patológico, realizado numa das metástases, no Hospital do Câncer, confirmou tratar-se de um carcinoma muco-celular metastático. Este diagnóstico, decorrente de exames anatomo-patológicos, foi dado isoladamente por dois patologistas, que assim coincidiram em suas conclusões. Um deles

era o Chefe do Departamento de Anatomia Patológica do Hospital. Como resultado, concedeu-se uma "sobre-vida" de mais ou menos dois meses para a paciente. Considere-se bem este fato: a paciente, completamente dominada pela invasão cancerosa, não poderia sobreviver mais de dois meses".

Proseguindo, esclarece o médico que o marido da doente resolveu levá-la a Congonhas. Ele, por sua vez, como amigo da família, e interessado no caso Arigó, particularmente em se tratando de uma cliente irremediavelmente condenada, resolveu acompanhá-los:

— "Levamos a doente a Congonhas, de avião, pois ela não poderia resistir uma viagem por terra. Estava pesando pouco mais de trinta quilos, em estado desesperador. Arigó, atendendo-a em estado de transe, falando com sotaque alemão, deu-lhe uma receita, constante de medicamentos os mais modernos, e em doses que ultrapassam as habitualmente usadas no receituário médico. Lembro-me bem dessa primeira receita; Kanamicina, Olobintín, Neuro Rubin e Dexteoxina".

Acrescenta o médico que, apesar da estranheza que as altas dosagens causaram, a doente começou a tomar os remédios, e logo após a primeira semana, revelou melhora tão considerável, que pôde levantar-se do leito e começar a andar. Com duas semanas de tratamento, já havia readquirido dez quilos de peso. Com um mês e meio, atingira sessenta quilos, ultrapassando em dois o peso anterior à doença. Parecia curada, mas continuava sujeita à colostomia, ou seja, com as incisões abertas no ventre. Nessa altura, voltou para Congonhas, acompanhada pelo médico e pelo marido. Este, que é de nacionalidade austríaca, declarou haver conversado em alemão com Arigó, declaração que foi posteriormente reafirmada, num programa de televisão.

— "Arigó declarou que a paciente estava salva — informa o médico Hortêncio Medeiros — mas deu-lhe mais duas receitas, determinando que tomasse os medicamentos de uma em seguida aos da outra. Lembro-me que a primeira receita continha estes medicamentos: Gamaclorex, Cloromicetina e Metio-Seil. Da segunda receita, lembro-me apenas de Albamicina-GU, antibiótico das vias urinárias. Isso me pareceu importante, pois a obstrução intestinal havia também provocado perturbações urinárias".

— "Tomadas essas receitas —" continua o médico — uma após a outra, segundo a recomendação de Arigó, a paciente voltou para Congonhas, a 25 de agosto do ano de 1961, em companhia de sua mãe. Arigó, falando novamente com sotaque alemão, declarou-lhe: "A irmã está curada; pode desmanchar a operação". Atendendo a isso, procedemos à nova intervenção cirúrgica, para desfazer a colostomia, fechando as incisões do ventre".

A operação, segundo esclareceu o médico, foi realizada por conhecido cirurgião, na sua presença, em um grande hospital de S. Paulo. Constatou-se não haver nenhum tumor no abdômen da paciente, existindo apenas fibrose. O intestino foi religado, voltando a funcionar normalmente. Essa operação foi praticada em setembro do ano passado. Até o momento, ou seja, onze meses depois, a paciente nada mais sofreu. Está curada, pesando sessenta e dois quilos.

A exposição do médico Hortêncio de Medeiros, além de apresentar-nos um caso positivo de cura do câncer em estado desesperador, estando a doente desenganada pelos especialistas, coloca-nos novamente diante do problema do "receituário absurdo" de Arigó. É o que é mais curioso, os medicamentos constantes da primeira receita que Arigó deu à paciente incidem na crítica formulada ao receituário do sensitivo pelo médico Ary Lex.

Diante disso, e sem mencionarmos a crítica, perguntamos ao médico Hortêncio de Medeiros se a aplicação da Kanamicina em alta dosagem não era condenável. Respondeu-nos o médico que esse antibiótico foi condenado por muitos médicos, pouco depois do seu lançamento, por ter provocado alguns casos de surdez. Arigó, entretanto, o vem receitando em quantidade, com bons resultados.

— "Trata-se de um medicamento japonês — disse o médico — e já tive oportunidade de observar que a sua aplicação às vezes provoca reações assustadoras, mas passageiras. Acredito que a sua condenação foi precipitada, sem maiores observações. De qualquer maneira, o fato é que Arigó, como no caso relatado, o aplica de maneira grandemente eficiente".

Interpelamo-lo também quanto ao Olobintin, sobre o qual incidia a crítica, e o médico respondeu-nos que se trata de medicamento alemão, antigo, que teve a sua época e estava atualmente

quase abandonado. Arigó, praticamente, restabeleceu o seu uso, pois o tem recitada em grande quantidade. Acentuou o médico:

— "Parece-me que o caso do recitatório, em Arigó, está nas mesmas condições do caso das intervenções. Ele usa processos diferentes dos adotados em nossa prática médica. Às vezes conjuga medicamentos recentes com outros quase fora de uso, e outras vezes prefere medicamentos de pouca saída, quase desconhecidos, como o Neurorubín, produzido por um pequeno laboratório. E às vezes, ainda, indica medicamentos recentíssimos, como fez com a Gabromicina, quando não tinha sequer sido distribuída à propaganda".

Queremos chamar novamente a atenção dos leitores para o problema do "absurdo" no caso Arigó. É exatamente o "absurdo" que provoca as maiores reações contra o sensitivo, e leva os especialistas a formularem as mais diversas hipóteses, para explicar ou condenar os seus atos. Mas o "absurdo" é uma condição do paranormal, que se não fôsse absurdo seria normal e não reclamaria nenhuma espécie de exame, não provocaria debates. Todo este depoimento nada mais é que uma exposição de fatos absurdos. Mas, se são fatos, o absurdo não estaria em nossa maneira de vê-los? O médico Hortêncio de Medeiros está pronto a nos responder, com provas nas mãos.

XII

CICATRIZAÇÃO IMEDIATA

O depoimento que nos prestou o médico José Hortêncio Medeiros Sobrinho abrange vários fenômenos. Dada a importância do caso de cura de câncer, relatado no capítulo anterior — o mesmo por ele apresentado em programa de televisão, segundo referimos anteriormente — separamo-lo do contexto, que agora completamos, com os fatos referentes a outras classes de fenômenos.

A variedade da fenomenologia paranormal produzida através do sensitivo de Congonhas do Campo é desorientante, como se vê. Neste depoimento, ressalta o caso de cicatrização imediata. Parece-nos que o fenômeno pode ser incluído na classificação psicocinética, ou tecnicamente psíquica, correspondente ao que se convencionou chamar de parapsicologia-objetiva, em correspondência com a metafísica-objetiva, de Richet.

Em todos os fenômenos psi, como observa Rhine, devemos considerar a existência de uma polaridade, que consiste no seu aspecto subjetivo (percepção extra-sensorial) e no seu aspecto objetivo (ação da mente sobre a matéria). Seja, portanto, a ação direta da mente do sensitivo sobre o campo operatório, o que nos parece menos provável, ou seja a ação dessa mente sobre a mente do operado, estará sempre em causa o processo psicocinético. Porque, de qualquer maneira, a própria mente do operado agiria de forma inusitada, e portanto paranormal, produzindo a cicatrização imediata.

O médico Hortência Medeiros presenciou as operações curiosas, e quando no-las relatava, um amigo, que se encontrava presente, sugeriu-nos: "Você podia dar a essa entrevista o título:

os cegos vêem e os surdos ouvem". Realmente, o título servia. Mas tratemos primeiramente dos cegos. Disse-nos o médico:

— "Dum rapaz de cerca de vinte anos, que, segundo o tio que o acompanhava, era cego desde criança, apresentou-se a Arigó para ser curado. Tinha os olhos limpidos, como se nada sofresse. Pude observá-lo à vontade. Encontrava-me a dois metros de distância do médium, em pé sobre um fogão, enquanto Arigó se preparava para operar, em pé sobre um lavatório. O doente se encontrava ao seu lado, de rosto virado para mim. Tudo em plena luz do dia, perante a multidão de pessoas que desejavam ser atendidas. Num relance, falando com seu sotaque alemão, Arigó introduziu o bisturi entre o globo ocular e a parede da órbita. O doente não reagiu, não gemeu nem gritou, não tentou segurar a mão do médium. Não se defendeu, enfim".

Perguntamos se Arigó havia praticado algum toque, tentando hipnotizar o paciente. O médico responde pela negativa e continua o relato:

— "Arigó, sem nenhum cuidado aparente, abaixou o globo, com a alavanca do bisturi, de maneira que, de onde me encontrava, pude enxergar o fundo da órbita, embora nada pudesse divisar, em virtude da distância. Girou o bisturi em torno do globo. Vi que o instrumento estava apenas sujo de secreções. O cego, enquanto isso, permanecia com o outro olho aberto e não apresentava, na fisionomia, qualquer sinal de dor".

Acentuando que tudo isso se passara com extrema rapidez, e que o médium agia de maneira violenta, acentuou o médico Hortêncio de Medeiros:

— "Qualquer pessoa que agisse dessa maneira teria ferido o paciente. Mas Arigó nem sequer provocou sangue. E terminada a estranha operação num olho, imediatamente a repetiu no outro. Concluindo-a, declarou que o cego estava curado e mandou-o embora. Conversei com o paciente e o tio. Fiquei sabendo que não se tratava de cego de nascença, mas de indivíduo que ficara cego em criança. Ignoravam-se os motivos. Mais tarde, tive oportunidade de fazer experiências com o paciente, mostrando-lhe objetos a diferentes distâncias. Alguns objetos comuns ele não foi capaz de dizer o que eram, o que demonstrava, realmente, o seu estado anterior de cegueira. O tio e o paciente mostravam-se radiantes com a cura obtida".

Perguntamos pelo outro caso de cegueira, de vez que o médico nos havia dito que assistira a duas curas dessa espécie.

— “O outro caso — respondeu o médico — era de catarata. Senti que não houvesse um oculista ao meu lado, para acompanhar com segurança as duas operações. Ao contrário do que eu supunha, o caso de catarata foi operado mais rapidamente do que o anterior. Arigó procedeu com destreza incrível, manejando rapidamente o bisturi e fazendo uma espécie de raspagem. O doente, que não via, dali a pouco estava enxergando perfeitamente, como pude verificar. E declarou não ter sentido dores, nem durante nem após a intervenção”.

— “Um caso que também me pareceu bastante curioso — prossegue o médico — foi a cura de um surdo. Arigó, com as maneiras rudes que o caracterizam, introduziu uma pinça no ouvido do paciente, em sondagem profunda. A pinça estava envolta em algodão, que saiu sujo de uma serosidade amarelada. Não houve extração de cera, nem rompimento de tumor, ou coisa semelhante. Tudo se passou com espantosa simplicidade e espontaneidade. Arigó, com o sotaque do Dr. Fritz, declarou que o paciente estava curado. E realmente estava. Passou a ouvir tudo com nitidez, no mesmo instante”.

Explicou o médico Hortêncio de Medeiros que fazia esse depoimento para ser fiel ao que observara. Na verdade, desejava vêr outras formas de operação ou de cura, ligadas a sua especialidade. Embora isso não tivesse acontecido, considerava-se satisfeito com o caso da cura de câncer, relatado na primeira parte do seu depoimento, e com essas demonstrações da capacidade do médium para operações de natureza paranormal.

— “Parece-me — acrescentou — que esses casos são suficientes para provar que Arigó é dotado de faculdades supranormais. Pretendo voltar a Congonhas, para proceder a novas verificações. Pelo que tenho sabido, através de informações de colegas, numerosos casos de minha especialidade foram tratados, diagnosticados, e alguns deles curados pelo sensitivo. Referiram-me inclusive o caso de um colega daqui mesmo, de São Paulo, que lá chegando recebeu, de pronto, o diagnóstico do seu caso, sem sequer ter falado com Arigó. Infelizmente ainda não pude apurar esse caso, mas a informação me foi dada por colega que merece

fê. Tudo isso me desperta cada vez mais interesse pela verificação de casos que digam respeito à minha especialidade”.

— “Um dos fenômenos bastante curiosos, e praticamente inexplicáveis, que se passam com Arigó — prosseguiu o médico — é o de cicatrização imediata dos cortes operatórios. Afirmando, os que assistiram suas primeiras intervenções, que êsses fenômenos eram frequentes. Hoje, pelo que pude observar e pelas informações que tenho, êles se tornaram raros. Apesar disso, tive a oportunidade de assistir a um dêles, e o considero de importância fundamental, para provar a natureza supranormal das atividades de Arigó”.

Fizemos um pequeno parêntese para discutir o problema com o médico, lembrando que muitos o consideram impossível. Os casos de estigmatização, porém, e as ocorrências hipnóticas nesse sentido, mostram que a cicatrização imediata é possível, desde que haja condições para a sua realização. A condição principal, ao que parece, é a presença de um indivíduo que possua faculdades paranormais, ou a presença dessas faculdades no próprio paciente. O médico acentuou:

— “Arigó é dotado dessas faculdades. Vi-o, de bem perto, extrair um quisto sinovial do pulso de uma senhora. O médium seccionou o quisto, recortou tecidos profundamente com uma tesoura, procedeu à limpeza da ferida, com extrema rapidez, e, por fim, juntou as suas bordas e fechou-as, como num passe de mágica. Tudo nítido, bem visível, diante dos meus olhos. No lugar da incisão, ficara apenas uma leve cicatriz”.

Os fatos aí estão, relatados corajosamente por um médico que os viu e não pretende sonegá-los ao conhecimento do público e dos interessados. Repetindo a atitude de Lombroso, quando o prof. Chiavari lhe demonstrou a existência dos fenômenos que êle negava, o médico Hortêncio de Medeiros declara-se “escravo dos fatos”. Disse-nos estar ciente de que a sua atitude lhe causa embaraços de toda a espécie. Não se importa com isso, pois não compreende como poderia esconder ou disfarçar o que viu, o que observou de perto. Quanto às interpretações ou explicações, o médico preferiu não fazê-las. Aceita os fatos como fatos e pretende estudá-los, inteirando-se das pesquisas já realizadas por investigadores de renome, em tôdas as partes do mundo.

XIII

TELEDIAGNOSE E CURA À DISTÂNCIA

O médico Oswaldo Lidger Conrado, do Hospital do IAPC em São Paulo, especialista em cardiologia e moléstias do sistema nervoso, realizou uma viagem de estudos à URSS, visitou o Instituto Pavlov e fez observações sobre o desenvolvimento da medicina soviética. Apesar de seus conhecimentos neurológicos, não quis fazer qualquer interpretação dos fatos observados em Congonhas do Campo. Tem consultório à rua Barão de Itapetininga, em São Paulo. Declarou-nos ter ido à cidadezinha carismática por dois motivos: necessidade de procurar recursos para um amigo em estado desesperador, e desejo de observar pessoalmente o sensitivo. Depois disso, voltou várias vezes a Congonhas, prosseguindo em suas observações. Arigó o empolgou.

Os nomes dos pacientes serão omitidos, como temos feito, em atenção aos médicos. O dr. Conrado, entretanto, responde pela veracidade dos casos, podendo fornecer elementos probatórios a quem desejar investigá-los, desde que em condições para isso. De nossa parte, conversamos com os pacientes do dr. Conrado, que confirmaram plenamente os fatos. Confirmação evidentemente desnecessária, mas exigida pelo próprio médico, inclusive para constatarmos a situação mais recente dos pacientes que residem em São Paulo.

A novidade que este depoimento oferece é a ocorrência, precisa e verificada a posteriori, da telediagnose, ou diagnóstico à distância, seguida de cura também à distância. Embora se trate de ocorrências frequentes com Arigó, representam novidade na série de depoimentos médicos que reunimos. No caso do dr. Sergio Valle, já verificamos caso semelhante. Mas o relato do dr. Con-

não coloca-nos diante de um sucesso mais preciso, e até mesmo dramático. Passemos às declarações do médico:

— “O primeiro caso que observei — disse-nos o médico — não foi de cura, mas de simples remissão de um processo canceroso bastante adiantado. A simples remissão, porém, apresenta aspectos muito importantes. Trata-se de um meu colega e co-estadano, médico baiano, de setenta e dois anos de idade, pai de outro colega, que o acompanhou a São Paulo. Câncer no assoalho da boca e câncer na laringe, com muitas dores e tôda a sintomatologia característica. Médico e pai de médico, é evidente que teve, na Bahia, tôda a assistência possível, sendo por fim desenganado. Daí a vinda a São Paulo, onde procurei socorrê-lo, encaminhando-o aos exames necessários. Deram-lhe aqui apenas dois meses de vida, excluída tôda possibilidade de solução, inclusive paliativa: nem clínica, nem cirúrgica, nem fisioterápica, pois a aplicação do cobalto e da radioterapia já não teriam ação”.

— “Diante dessa situação, e da própria idade do paciente, nossos recursos médicos estavam absolutamente esgotados. Nada havia a fazer. Mas o meu colega, filho do paciente, que atualmente se encontra em viagem de estudos na Europa, mostrava-se desesperado e queria, pelo menos, encontrar um meio de aliviar o pai. Outro filho do paciente, engenheiro, mostrava-se também angustiado. Entendi que a oportunidade era excelente para uma visita a Congonhas do Campo e a propuz ao colega, que concordou. Quando falham os recursos conhecidos, é justo que se procure devassar o desconhecido. Quem não o faria, para salvar um ente querido, uma pessoa amiga?”

— “Fomos a Belo Horizonte, de avião, mas tivemos de deixar o paciente no Hotel Itália, da capital mineira, pois o seu estado não nos permitia levá-lo até Congonhas. Procuramos Arigó, eu e o meu colega, filho do paciente. Abordamo-lo na rua, e Arigó nos tratou com desinteresse, até mesmo com rispidez. Conseguimos, no outro dia, que nos atendesse em sua casa, pela manhã. Logo que entramos, Arigó, que se achava sentado a uma mesa, concentrou-se e formulou o diagnóstico exato do paciente, com perfeita localização do câncer da boca e do laringe. Confesso que sofri um impacto. A seguir, receitou, dizendo que o fazia, porque o Dr. Fritz assim o queria”.

— “Abreviarei o relato — prosseguiu o médico — declarando que, feito uso da medicação, e realizados os contrôles periódicos de sangue, o paciente obteve melhora acentuada, com desaparecimento da cadeia ganglionar e cicatrização das lesões ulcerosas do assoalho da boca e do laringe. Esse estado de remissão se acentuou de tal maneira, que deu ensejo ao paciente para ir pessoalmente a Congonhas, por três vezes, avistando-se com Arigó. As dores desapareceram e o estado geral melhorou sensivelmente. Os médicos do Hospital do Câncer de Salvador concederam-lhe um ano de “sobre-vida”, em condições razoáveis. Não voltou a usar sedativos. Há três meses estive na Bahia e verifiquei pessoalmente o seu estado. Seu filho médico pôde viajar para a Europa, despreocupado, o que bastaria para atestar o resultado da terapêutica de Arigó, num caso em que não havia mais qualquer possibilidade de recursos”.

— “Outro caso que me impressionou — contou-nos o médico — posso considerá-lo como de cura do câncer. Tratava-se de uma paciente, senhora de cerca de trinta anos, casada, residente nesta capital. Câncer do útero, com invasão da bexiga. Exgotados todos os nesses recursos, levei-a de avião a Congonhas. Os motivos eram os mesmos: queria salvar a mulher, se possível, ou pelo menos melhorar a sua dolorosa situação, e ao mesmo tempo observar melhor a ação do sensitivo. Entrei com a paciente e o marido na casa de Arigó, já cheia de populares, e ficamos ao lado da porta. Quando o sensitivo entrou, encarou a doente, tomou um papel e escreveu: “Câncer do útero; já foi operada”. Passou-me o papel, e aproximando-se da paciente tirou-lhe o lenço que lhe envolvia a cabeça, perguntando-lhe: “Por que tomou esse remédio?” A paciente havia tomado Endoxan, e os cabelos haviam caído. Eu ignorava isso”.

— “Sem dar maior importância ao caso, Arigó receitou e nós mandou embora. Tomada a medicação, a paciente reagiu de maneira rápida. Desapareceu toda a sintomatologia, seu estado geral atingiu a normalidade. Em pouco tempo, engordou dezesseis quilos. Posso dar-lhe o endereço, para que faça a verificação pessoal do seu estado atual”.

Podemos inferir que a paciente se considera curada, afirmando que já engordou mais do que o índice mencionado pelo

médico. Dispôs-se até mesmo a nos autorizar a publicação do seu nome e endereço, o que não fazemos por motivos óbvios.

Entre os vários casos referidos pelo médico Oswaldo Conrado, figura o de um seu próprio irmão, senhor de cinqüenta anos de idade, com quem já havíamos conversado, antes da entrevista. Caso de delírio místico, provocado por complicações fisiológicas. O paciente caiu em estado de coma, em que permaneceu por 48 horas. Foi desenganado pelo médico assistente, em Salvador, que telefonou ao irmão, nesta capital, dizendo-lhe: "Tome um avião e venha urgente, pois seu irmão não passará das nove horas da noite de hoje". Os exames acusavam 4 grammas de uréia e 5,2 de creatinina.

Diante de nova situação desesperada, o médico Oswaldo Conrado resolveu apelar novamente para Arigó. Telefonou-lhe desta capital. Arigó atendeu o telefonema e respondeu: "Não posso fazer nada. É Deus quem faz". A seguir, pediu o endereço do paciente. No dia seguinte, o médico obteve ligação telefônica com Salvador e foi informado pelo médico de plantão, com surpresa, de que o seu irmão estava lúcido. A crise havia sido superada. O médico pediu nova ligação para Arigó e este lhe respondeu: "Dr Fritz esteve lá, e manda lhe dizer que seu irmão estará em São Paulo dentro de poucos dias". O médico não acreditou na vinda do irmão.

Apesar dos pesares, e como precisava viajar para Curitiba, o médico estabeleceu nova comunicação com a Bahia, fazendo sentir a inconveniência da viagem do irmão, que realmente já estava programada. Quinze dias depois, um seu cunhado telefona de Salvador, informando que o paciente viria de avião. Preocupado, o médico dirigiu-se à empresa de aviação e conseguiu sustar a viagem do irmão. Tranquilo, seguiu para Curitiba. Lá chegando, porém, recebeu a notícia de que o irmão se encontrava em São Paulo. Tinha vindo por outra linha, e aqui se encontra no momento, em bom estado de saúde.

O médico Oswaldo Conrado não nos deu nenhuma interpretação desses casos, nenhuma explicação teórica, mas acentuou:

— "Penso que se nós, médicos, tivéssemos a possibilidade de abrir um campo novo de esperanças para os nossos doentes, isso seria maravilhoso. Quando estou diante de um caso desesperador,

em que os nossos recursos já nada mais podem fazer, não tenho dúvidas em apelar para outros caminhos. Não é justo e humano que assim se faça”?

Depois de uma pausa, em que parecia pensar numa solução para os conflitos atuais da sua profissão, acrescentou:

— “A verdade não deve ser escondida. Ai estão os fatos, na simplicidade e naturalidade com que se passaram. Diante deles, acho que seria necessária a organização de uma comissão de cientistas, destituídos de propósitos secundários, de preconceitos de qualquer espécie, e voltados para o interesse da humanidade, para estudar o caso Arigó. Estamos diante de uma oportunidade para a descoberta, talvez, de novos e efficientíssimos recursos terapêuticos, que esse caso ensaja, como acabamos de ver”.

Devemos acentuar que os casos relatados pelo médico Oswaldo Lidger Conrado, com a sua responsabilidade profissional, demonstram a existência dos fenômenos de percepção extra-sensorial em Arigó, permitindo ao sensitivo a diagnose à distância, e também os fenômenos de precognição, como no caso da vinda do irmão do médico a São Paulo, e de psicocinesia, ou ação psíquica sobre a matéria, no caso de cura do paciente à distância. A esses fenômenos, deve-se ainda juntar a xenoglossia (uso de línguas estranhas) pois Arigó, como sempre, continuava pronunciando frases em alemão e falando com sotaque alemão, quando em português.

O caso de cura à distância, do irmão do médico, chega mesmo a oferecer contribuição importante para a solução de um dos problemas mais apaixonantes da Parapsicologia: o debate sobre os fenômenos de precognição e psicocinesia, considerados por vários autores como duas formas de interpretação de um fenômeno único. A psicocinesia é a ação da mente sobre objetos materiais, e a precognição, a previsão exata de acontecimentos futuros. Procura-se explicar a psicocinesia pela precognição. Quer dizer: o que se toma por ação da mente sobre objetos, nada mais seria do que uma previsão realizada. Mas também se pretende que o verdadeiro seja o contrário.

O biólogo C. B. Nash, por exemplo, defende a primeira dessas teses, no que foi contraditado por um experimento bem sucedido do psicólogo R. H. Thoules, da Universidade de Cambridge. O prof. Rhine (“New World of the Mind”) considera decisiva a

prova experimental de Thoules. No caso acima, relatado pelo médico Oswaldo Courado, a precognição estava praticamente alastada, pois o curso fatal da doença excluía qualquer hipótese de melhora, quanto mais de cura. A ação de Arigó sobre o doente, através da mente, e portanto a psicocinesia, seria a única hipótese aceitável. Fazemos esta anotação para acentuar a importância do depoimento do médico Oswaldo Courado, numa apreciação científica do caso Arigó.

XIV

ARIGÓ: INDIVÍDUO METERGÉTICO

O depoimento abaixo é de uma especialista em psiquiatria, há muitos anos interessada nos problemas da fenomenologia paranormal. Não se trata, por isso mesmo, apenas de relato dos fatos, mas também de interpretação. A especialista observou Arigó, assistiu operações e as descreve. Foi a Congonhas para verificar a existência ou não dos fenômenos. Verificou-a, avaliou os fenômenos, e oferece-nos o seu duplo depoimento: relatando os fatos e interpretando-os, segundo as conclusões científicas a que pôde chegar, no estudo do assunto, ao longo de mais de vinte anos.

Deixamos bem claro, desde o início, que temos a nossa interpretação pessoal. Não concordamos com a explicação materialista da nossa ilustre entrevistada. Rendemos, porém, a nossa homenagem ao seu amor pela verdade, a essa coragem que revela, de enfrentar os fatos de maneira científica, investigando-os e propondo-lhes explicações, em vez de escapar pelas vias fáceis da negação. Com este depoimento, são dois os psiquiatras materialistas que sustentam a realidade dos fenômenos, dando-lhes explicações diferentes. Um, é o médico João Bellini Burza; outro, a entrevistada.

Estes depoimentos revelam a existência de numerosos testemunhos médicos das ocorrências paranormais de Congonhas do Campo. Esses testemunhos não são apenas de "honestos e sinceros cientistas adeptos do espiritualismo", como quiseram fazer crer os autores de uma série de artigos pseudo-científicos contra Arigó, mas de observadores honestos e responsáveis, pertencentes a diversas tendências, espiritualistas e materialistas. No depoimento abaixo, como nos anteriores, os fatos novamente se comprovam.

E a comprovação é tanto mais valiosa, quanto realizada por uma psiquiatra materialista, experimentada no trato do problema, sem compromissos de ordem religiosa, o que não ocorre com os detratores do sensitivo.

Em fevereiro d'êste ano a doutora Maria de Lourdes Pedrosa apresentou e defendeu, no VII Congresso da Aliança Panamericana de Médicas, realizado em Manizares, na Colômbia, uma tese intitulada "Psicose e Metapsicose". Expunha de maneira resumida as conclusões a que havia chegado, após vinte e um anos de clínica psiquiátrica no Rio e São Paulo, a respeito da fenomenologia paranormal e suas relações com os fenômenos de anormalidade psíquica. Pouco depois, regressando ao Brasil, a autora seguiu para Congonhas do Campo e observava de perto o caso Arigó.

Ex-assistente da Cadeira de Medicina-Legal da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, então regida pelo prof. Walter Lutz, a profa. Maria de Lourdes Pedrosa é atualmente médica-psiquiatra do Hospital Municipal de São Paulo. Tem participado de numerosos congressos no exterior, e ainda no ano passado regressou do México, onde participou da representação brasileira ao Congresso Mundial da Federação Internacional de Mulheres Universitárias. Em 1945 participou de congressos médicos em Havana e New York, realizou estudos sobre problemas da mulher universitária nos Estados Unidos, fez um curso, nesse país, sobre organização feminina de guerra, e adaptou suas técnicas ao Brasil, tendo sido a autora dos primeiros trabalhos para organização feminina de defesa bélica no Brasil e de organização de polícia feminina em São Paulo. Realizou, também, junto à Secretaria da Segurança Pública, estudos sobre o problema da prostituição, em suas implicações psiquiátricas.

Por êsses rápidos dados, os leitores podem avaliar o currículo de atividades científicas da nossa entrevistada. Mas devemos ainda acrescentar que ela exerce atualmente o cargo de presidente da União Universitária Feminina de São Paulo, de vice-presidente da Aliança Panamericana de Médicas no Brasil, e de presidente da Associação Nacional de Educação Feminina. Esclarecida a sua posição, passemos ao depoimento sobre os fenômenos que observou em Congonhas do Campo.

— "Quando cheguei à casa de Arigó — declarou-nos a psiquiatra — havia umas cinqüenta pessoas a sua espera. Não me

identifiquei. Logo mais, Arigó chegava. Encarou-me, fez um doente sentar-se para operá-lo, e continuou encarando-me. De repente, exclamou: "Quem for médico que se aproxime!" Não me movi. Arigó repetiu a exclamação, e como permaneci impassível, apontou-me com o dedo: "Doutora, aproxime-se. Venha vêr de perto".

— "Aproximei-me e assisti a uma operação de pterígio, realizada com tesoura cirúrgica, mas em golpes violentos, sem nenhuma técnica. A tesoura não cortava. Não fora feita anestesia, nem assepsia de espécie alguma. Tive receio de que os golpes violentos ferissem o olho do paciente, e pensei: "Não haverá um instrumento que corte?" Na mesma hora, Arigó pediu outro instrumento e lhe deu um bisturi. O médium cortou, verificando-se intensa hemorragia. (Uso o termo "médium" — explicou a psiquiatra — no sentido psicorrágico). O sangue escorreu pelo rosto do paciente e pensei que lhe enxarcaria a camisa. No mesmo instante, o sangue estagnou, precisamente na curva do maxilar, quando devia descer pelo pescoço. Arigó fez parar a hemorragia, com algodão, e mandou um auxiliar tapar o olho do paciente com algodão e esparadrapo. A seguir, limpou o bisturi na blusa de uma moça. O bisturi ficou limpo, mas a blusa não ficou suja. Pude verificar de perto todos êsses fatos, que foram suficientes para me demonstrar as faculdades metergéticas de Arigó. Fiquei satisfeita, pois estava evidente que não perdera a viagem".

— "A segunda operação que assisti — prossegue a psiquiatra — foi de sinusite. Sem anestesia nem assepsia, e, como a anterior, sem hipnose ou toques de qualquer espécie, Arigó produziu a introdução do bisturi na arcada sub-ciliar, parte interna, com violência, atingindo certamente o solo do seio frontal. Escorreu sangue purulento pela lâmina. Arigó declarou que o nervo ótico do paciente havia sido atingido pela infecção. A seguir, repetiu a penetração do bisturi no outro olho, não encontrando infecção. Declarou que o olho esquerdo, de que saíra sangue e pus, estava perdido, não sendo possível recuperá-lo. Essa declaração mostrava a incapacidade de Arigó para a recuperação de órgãos afetados, e ao mesmo tempo um dos limites das suas faculdades metergéticas. Porque há indivíduos, possuidores dessas faculdades, que produzem a recuperação".

— “Quando Arigó iniciou as consultas, entrei na fila de consulentes, para prosseguir minhas observações. Nesse momento, uma senhora que eu vira entre o povo e para a qual diagnosticar câncer, em virtude de sua aparência, saía da fila. Arigó chamou a filha da mulher e advertiu-a de que o caso era perdido, pois dentro de três meses ela morreria, vitimada pelo câncer. A filha confirmou o diagnóstico, já feito anteriormente por médicos do Rio. Aproximei-me do médium. Ele escrevia numa pequena mesa, com um altazinho ao lado, com santos e velas. Falava com sotaque alemão. Disse-lhe que eu tinha visita. Arigó perguntou se eu sabia que era alérgica, tratando do caso como entendido. Receitou, ou melhor, indicou medicamentos de laboratórios, pois não assinava os papéis. Verifiquei que dispunha de grande quantidade de amostras de laboratórios, para distribuir aos doentes. Embora não se tratasse propriamente de receituário, mas de simples indicação de preparados farmacêuticos, devo declarar que não concordo com esse processo. Os indivíduos metergéticos, segundo penso, devem exercer suas faculdades sem o uso de remédios”.

Insistimos na pergunta: “Considera reais os fenômenos de Congonhas do Campo? Arigó é um indivíduo metergético?” A psiquiatra Maria de Lourdes Pedrosa respondeu-nos o seguinte:

— “A existência das manifestações metergéticas é uma realidade histórica, e por isso mesmo não pode ser negada. Elas sempre existiram, verificando-se a sua ocorrência em determinados indivíduos. Costumo citar, como o indivíduo metergético que mais se destacou na história, o próprio Cristo. Suas faculdades eram intensas, e produziram tantos resultados, que serviram para fundamentar todo um movimento de transformação do mundo. Bastaria isso para nos mostrar a importância do problema. Vivemos hoje numa civilização que procede, em seus princípios fundamentais, da ocorrência de manifestações metergéticas na Palestina. No caso Arigó, como já relatei, a evidência dessas manifestações é incontestável”.

— “A comprovação dos fatores que produzem essas manifestações — prosseguiu a psiquiatra — é ainda difícil. Na minha tese ao Congresso de Manizares, na Colômbia, acentuei que a ciência oficial ainda não reconhece esses fenômenos, embora numerosos, porque, apesar de estudados há muitos anos por fisiologistas, psiquiatras e psicanalistas de grande renome, como Richet,

Janet, Freud e outros, não se encontrou no ser vivo um "substratum" orgânico que pudesse ser considerado como centro de origem dessas manifestações. Podemos verificar, na bibliografia especializada, que é admitida a existência de um "elemento supra-normal", não localizado, em todos os seres vivos. Esse "elemento", sempre em estado latente ou estático, manifesta-se em pequeno número de pessoas, espontaneamente ou quando provocado. A repetição freqüente das manifestações denomina-se psicorrágia, e a pessoa em que elas se verificam é chamada de médium".

Acentuando que a palavra "médium", por significar simplesmente "intermediação", pode servir perfeitamente no caso das pessoas que dão vazão a manifestações psicorrágicas, a psiquiatra Maria de Lourdes Pedrosa explicou:

— "A cirurgia de guerra comprovou que as mutilações, em dois terços da superfície da massa encefálica, ou da cortex cerebral, não causam perda de função orgânica. Há, portanto, uma grande zona muda do cérebro, em que poderá encontrar-se o centro das manifestações metérgicas. As células nervosas não são inerentes, mas aderentes às fibrilas, e estas agem como acumuladores e distribuidores de energia potencial. As suas ramificações são descontínuas. Entre os átomos, agem forças elétricas e magnéticas. Os elementos cósmicos e geológicos têm ação benéfica ou maléfica sobre o ser vivo, porque afetam o protoplasma dos elementos nervosos, de maneiras diversas (por coação, por eletividade ou por pressão), determinando efeitos mecânicos da estrutura dos elementos nervosos, que é a base fisiológica das associações intrínsecas, e portanto dos fenômenos psíquicos, conscientes ou inconscientes. Tudo isso me leva a reformular a pergunta da minha tese: Não poderão ser explicados, por este mecanismo, os fenômenos metapsíquicos?"

A psiquiatra Maria de Lourdes Pedrosa declarou-nos, ainda, estar grandemente interessada no estudo das possibilidades abertas pela investigação das radiações cósmicas, para o esclarecimento de problemas ainda obscuros do sistema neuro-fisiológico. Entende que as investigações modernas, nesse sentido, podem auxiliar o estudo dos fenômenos metapsíquicos. A verificação das influências de origem cósmica, feitas através de aparelhos especiais, deve conjugar-se, porém, com a das influências mesológicas. E acentuou:

— “Há todo um complexo de fatores a ser estudado. Verifiquei, por exemplo, na minha clínica, que quase 90% dos doentes revelam-se portadores de processos infecciosos. O púls das amígdalas, por exemplo, deglutido pelos doentes, acaba provocando anomalias nas funções cerebrais. Temos, então, fatores externos e internos. Nos externos, merecem especial atenção os mesológicos. No caso Arigó, por exemplo, poderíamos perguntar se as condições geológicas da zona de minérios em que êle nasceu, cresceu e vive, não exercem influência no processo de suas manifestações metergéticas”.

Concluindo, declarou a psiquiatra que é inteiramente favorável à ação dos indivíduos metergéticos, desde que controlados por comissões médicas, nomeadas pelo Ministério da Saúde. Ao lado da medicina universitária, êsses indivíduos exerceriam uma medicina-popular, sem receituário, operando curas através de suas faculdades supranormais. Acrescentou que não considera essas faculdades como manifestações mórbidas, fazendo perfeita divisão entre psicoses e qualidades psicorrágicas. Entende que as investigações parapsicológicas são interessantes, mas devem ser conjugadas com o estudo das influências cósmicas e mesológicas sobre o sistema nervoso.

XV

TELECINESIA CIRÚRGICA

Enquanto a psicocinesia é a ação da mente sobre a matéria, sem intermediários, pelo menos aparentemente, a telecinesia é a mesma ação através de um elemento fisiológico, que Richet denominou ectoplasma. As investigações da Parapsicologia, extremamente rigorosas, restringem-se à psicocinesia, estudada em efeitos mínimos, por serem os mais controláveis. A Metapsíquica foi mais longe, com seu método de investigação qualitativa, chegando o prof. Crawford, da Universidade de Belfast, na Irlanda do Norte, catedrático de mecânica aplicada, a publicar trabalhos sobre a mecânica do fenômeno. Richet adotou a teoria da alavanca psíquica, de Crawford, integrando-a no "Traité de Metapsychique".

Reunimos neste capítulo dois depoimentos médicos, um sobre os exames a ponta de faca e casos bastante expressivos de diagnóstico, e outro sobre fenômenos de telecinesia cirúrgica. É o médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, quem nos proporciona esse depoimento, através de um livro de sua autoria e de entrevista concedida à imprensa paulista. Pela primeira vez, nos depoimentos médicos sobre Arigó, surge este fenômeno, descrito de maneira viva e impressionante. Para as pessoas não relacionadas com os estudos da fenomenologia paranormal, a descrição do médico parecerá fantástica. As que já se familiarizaram com esses estudos, conhecem "absurdos" maiores.

Encerramos aqui a série de depoimentos médicos. Não pudemos ouvir numerosos especialistas do Rio, de S. Paulo, de Salvador, e de outros centros universitários, mas os testemunhos que reunimos são do mais alto valor. Além dos testemunhos, há o

documentária fotográfica e cinematográfica. O reporter Manceyr Jorge não pôde publicar numerosas fotografias, por serem de intervenções cirúrgicas melindrosas, realizadas em órgãos genitais. O documentário cinematográfico, embora mais pobre, é também valioso. Cabe ao escritor Jorge Rizzini realizar as primeiras filmagens sobre Arigó: um film sobre o médium e o seu pequeno mundo em Congonhas, e outro sobre as operações, que foi largamente exibido em S. Paulo e outros Estados, projetado na televisão, e por fim levado ao exterior. A convite do Colégio Argentino de Parapsicologia, presidido pelo engenheiro e parapsicólogo prof. José S. Fernandes, catedrático das Universidades de Buenos Aires e Mar Del Prata, o film foi exibido nas duas cidades mencionadas, despertando grande interesse. Jorge Rizzini recebeu convites, também, para exibir o film na Inglaterra, nos Estados Unidos e em Portugal.

Depois dessas filmagens de Rizzini, verificaram-se outras: a dos "Diários Associados", levada à televisão; um pequeno film existente no Rio de Janeiro, e um film de longa metragem, para duas horas de projeção ininterrupta, realizado por um cidadão de Santa Catarina. Este último film foi exibido em Congonhas do Campo, e Arigó desmaiou ao assisti-lo. "Por ordem do Dr. Fritz", foi guardado para posteriores projeções, "na hora oportuna". Segundo informações que colhemos pessoalmente em Congonhas, trata-se de um film impressionante, que focaliza delicadas e complicadas intervenções cirúrgicas.

É simplesmente temerário, como já tivemos ocasião de acentuar, querer negar a existência dos fenômenos. É anti-científico pretender atribuí-los a uma possível paranóia de Arigó, ou coisa semelhante. Amplamente testemunhados por médicos-especialistas, por jornalistas, escritores, intelectuais diversos, políticos de nomeada, e pelos beneficiários de Arigó, ao longo de doze anos de atividades paranormais, os fenômenos de Congonhas do Campo não podem ser negados ou deturpados, como pretenderam fazê-lo, através de uma cadeia de jornais. Se não se realizou a verificação científica do caso, por comissões especializadas, existe, entretanto, a constatação individual, efetuada por vários homens de ciência, os depoimentos de médicos no processo judicial movido contra o médium em 1958, os depoimentos que reunimos nesta série, os casos concretos de cura comprovada, que também registramos, e

tôda a documentação fotográfica e cinematográfica. Negar as qualidades parnormais de Arigó é ato de simples obstinação.

Podemos criticar Arigó, fazer restrições as suas atividades, como o fizeram alguns médicos, em seus depoimentos. Mas não podemos negar as suas faculdades, nem atribuir-lhe segundas intenções. Um dos médicos paulistas que esteve em Congonhas, privou com Arigó, em transe e no seu estado normal, passeou com êle pelas ruas de Congonhas, e observou as suas atividades, foi o doutor Elias Boainain, do Instituto de Cardiologia do Estado, especialista em radioscopia e eletrocardiografia, com consultório à rua Araujo, nesta capital. Quisemos ouvi-lo a respeito, e vamos sintetizar as suas declarações.

— “Estive em Congonhas no mês de fevereiro de 1962 — declarou-nos o médico — e como Arigó já havia deixado de operar, nada vi nesse sentido. Não obstante, assisti aos seus famosos “exames”, bem como ao seu recituário. Um médico de Taubaté, cujo nome não guardei, estava ao meu lado. Arigó me pareceu, de início, um caso de simples charlatanice. Confesso que eu estava prevenido, não acreditava no que se contava a seu respeito. Falando com sotaque alemão, o sensitivo realizou “exames” em várias pessoas. Numa delas, introduzia simultaneamente, num só olho, a faca e o bisturi, deixando-os pendurados entre o globo ocular e a pálpebra. Fez-me segurar a lâmpada para clarear o rosto dos pacientes, mas como voltava o rosto de outro lado e continuava operando, larguei a lâmpada e êle não reclamou. Reconheci que não havia asepsia, que os doentes não acusavam dor, que não havia anestesia e Arigó não praticava a hipnose nem toques letárgicos, mas, apesar disso, o meu espírito crítico não desfaleceu”.

— “Quando se iniciaram as consultas, presenciei alguns casos que me perturbaram. Um senhor, por exemplo, de cerca de cinquenta anos, disse que sofria de úlcera no estômago. Arigó o corrigiu, afirmando que se tratava de úlcera no duodeno. Ora, êste tipo de ulceração é mais comum nos jovens. Mas aconteceu que o homem já havia tirado radiografias, e Arigó em quem estava com a razão. Outro senhor, de cerca de sessenta anos, protestou quando Arigó lhe disse: “A sua doença é na próstata”. O sensitivo lhe respondeu, com sotaque alemão: “Vai, brasileiro burro, e toma o remédio”. O paciente afirmava que havia ex-

traído a próstata. Arigó declarou-me que êle tinha câncer e pensava que haviam feito a extração. Vi, depois, as provas do caso, os resultados de exames. Arigó estava certo”.

— “Um rapaz de cêrca de trinta anos foi levado pelos pais, em cadeira de rodas. Arigó me perguntou o que êle tinha. Respondi que o caso não era de minha especialidade. “Então pense o que acha que êle tem”, me disse o sensitivo. Pensei: “Paraluzia geral progressiva”. Arigó confirmou em voz alta. Logo depois, verifiquei a exatidão do diagnóstico, pelas provas de exames do liquido céfalorraquiano. E outros casos como êsses ocorreram, demonstrando-me, de maneira inegável, as faculdades paranormais de Arigó”.

— “Apesar disso — concluir o médico — faço restrições às atividades de Arigó e à maneira por que êle vem sendo encarado. Considero o seu receituário absurdo, e acho que a porcentagem de curas produzidas por êsse receituário é diminuta. Entendo que Arigó não devia receitar, mas usar as suas faculdades paranormais em condições de maior controle, para a produção de fenômenos que pudessem ser observados com segurança. Acho também que os espiritalistas fazem demasiado alarde do caso Arigó, complicando a situação conflitiva do sensitivo. Mas afirmo, sem medo de errar, e contrariando minhas impressões iniciais, que Arigó é realmente um indivíduo dotado de acentuadas faculdades paranormais”.

Depoimento dos maais valiosos é o que já referimos, do médico Ladeira Marques, que esteve várias vezes em Congonhas, no tempo em que Arigó operava livremente. Entre os diversos casos por êle relatados, consta uma operação uterina, realizada com tesouras e bisturís. Arigó perguntou ao marido da paciente, diante do médico e de um seu amigo, se queria a intervenção por via baixa ou abdominal. Escolhida a primeira, introduziu por aquela via, sem auxílio de espêculo, de maneira brusca, três tesouras e dois bisturís, “sendo cada instrumento introduzido de um só golpe”.

— “O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médico — afirma o médico — quando, com grande surpresa nossa, o outro ramo, automaticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar, aproximando-se e afastando-se do primeiro, como ocorre no ato de seccionar um objeto.

Procuramos verificar se o movimento que presenciávamos na tescora estendia-se às outras peças do instrumental cirúrgico empregado na operação, e nada pudemos observar, ouvindo-se, no entanto, o barulho de entrechoque de metais e o ruído de secionamento dos tecidos”.

Continuando seu relato, escreve o médico que Arigó, falando como Dr. Fritz, retirou os instrumentos e fez cessar a hemorragia. Pensou o médico que se tratasse de histerectomia (extração do útero), mas verificou, depois, tratar-se de neoplasia (operação de tumor uterino). Vejamos a própria descrição do médico:

— “Tomando então de uma pinça, Arigó recomendou-nos que prestássemos atenção, e introduzindo-a no local da intervenção, retirou um pedaço de tecido com cerca de oito centímetros de comprimento por quatro de largura, sendo êste mostrado a todas as pessoas presentes”.

Tanto no livro de sua autoria, que já citamos, quanto na entrevista que concedeu ao repórter Moacyr Jorge, e publicada no “Diário de S. Paulo”, o médico Ladeira Marques relata êsse fato, bem como uma operação de catarata, com extração do cristalino. Aliás, desta última operação há documentário fotográfico e cinematográfico, nos arquivos dos “Diários Associados”, que os divulgaram através da imprensa e da televisão.

XVI

BALANÇO DO CASO ARIGÓ

O balanço que podemos fazer, para encerrar este livro, é naturalmente parcial. Refere-se apenas ao que podemos ver e ouvir, ou seja, ao que podemos observar pessoalmente em Congonhas e colher nos depoimentos médicos. Estes, por sua vez, são bem limitados. Além de não termos podido ouvir a maioria dos que estiveram em Congonhas, perdemos a fase mais produtiva do caso, da qual o testemunho do médico Ladeira Marques pôde dar-nos uma idéia. Temos, pois, consciência das nossas limitações. Mas assim mesmo o nosso balanço oferecerá resultados significativos, senão no sentido matemático do termo, empregado nas avaliações estatísticas da Parapsicologia, pelo menos no sentido psicológico, proposto por Ehrenwald para os casos telepáticos nos processos psicoterápicos.

Antes de passarmos ao balanço, que se constitui de três peças, uma referente aos fenômenos, outra às operações e outra aos casos de cura, acentuemos alguns pontos que nos parecem importantes. Primeiro, o que acima referimos, sobre a fase inicial dos fenômenos. É a que podemos chamar "idade de ouro" do caso Arigó. Corresponde aos primeiros anos de atividade do sensitivo, livre das perseguições que posteriormente lhe moveram. A observação era então mais fácil, e por isso até mesmo os fenômenos mais complexos, como a operação de útero com telecinesia-cirúrgica, podiam ser vistos, fotografados e cinematografados. Sabemos que existe documentação cinematográfica de casos dessa categoria, mas até ela permanece oculta, por motivos óbvios, quando o médium se acha sob a ameaça de um processo-crime em andamento.

Tratando Arigó com a leviandade de quem não entende do assunto, um cronista escreveu, há tempos, que dentro de alguns anos ele não mais produziria os seus milagres, caindo no esquecimento, como aconteceu com outros milagreiros. Esse é o fim normal de todas as atividades, inclusive a do cronista. Um sensitivo se esgota, como se esgota um pensador. Mas o fato mesmo de esgotar-se prova a existência anterior dos seus poderes. E no caso Arigó existe, como dissemos, todo o documentário foto e cinematográfico, para atestar a qualquer momento o seu passado. A advertência irônica do cronista, entretanto, serve para nos lembrar que Arigó já exerce suas faculdades há doze anos, de maneira intensa, sem o necessário controle, nem a assistência que os casos desta natureza requerem. Pelo contrário, o exercício de suas melindrosas faculdades é feito num ambiente hostil, sob o constante bombardeio de calúnias, ironias, acusações absurdas, ameaças de prisão, e assim por diante.

Demonstramos, no início deste volume, que o caso Arigó não é único, mas pertence a uma fase de eclosão de nova categoria de faculdades paranormais terapêuticas, naquilo que podemos chamar a medicina popular brasileira. A indiferença nacional para esse problema decorre, em grande parte, de um complexo cultural de inferioridade. Enquanto em países vizinhos, como a Argentina, fundam-se institutos de Parapsicologia e publica-se farta literatura a respeito, com livros nacionais e traduzidos, no Brasil procuramos fugir do terreno perigoso. Somente agora, graças ao caso Arigó, despertamos, levemente, com arrepios de medo em largas áreas universitárias, para a compreensão de que está raian-do uma nova era mundial, com referência a esses problemas. Alguns professores só concordaram em levar a sério o assunto, quando nossos jornais começaram a publicar notícias telegráficas de pesquisas realizadas na Rússia. O preconceito "físico", de que fala Rhine, ameaça-nos, no plano cultural, com a mesma força do dogma do Inferno no misticismo popular.

Doze anos já perdemos. Arigó envelhece. Suas forças começarão a declinar, e suas faculdades paranormais também irão se esvaçando. Linda Gazzera, grande médium italiana, que serviu para as famosas experiências de Richet e Imoda, sobre ideoplastia, veio morar em São Paulo, no fim da vida, e nada mais produzia. Os sensitivos se esgotam, porque essa é a lei do nosso

mundo. Mas no caso Arigó ainda há muito que fazer. Ele conta, atualmente, apenas 42 anos de idade. Se conseguíssemos evitar que as perseguições continuassem, assegurar-lhe um pouco de tranquilidade, cercá-lo de carinho e compreensão, oferecer-lhe condições para o exercício controlado de suas faculdades, muito poderíamos obter. E tempo, ainda, de salvarmos Arigó, de não o deixarmos entregue apenas a si mesmo, frente à dupla hostilidade dos que dele tudo exigem e dos que o acusam e ameaçam. Bastaria, para isso, um pouco mais de arejamento mental. Bastaria acertarmos o nosso passo com o mundo.

Chegam-se a dizer que Arigó não quer submeter-se a experiências científicas. Podemos afirmar que não é verdade. Arigó nos disse, pessoalmente, que ele e o Dr. Frütz estão prontos para isso. Mas é evidente que não podem fazê-lo sem as garantias necessárias. Primeiro, a certeza de que essas experiências não irão servir para aumentar a carga jurídica contra o médium. Depois, a certeza de que os experimentadores agirão cientificamente, e não levados por interesses ou paixões de ordem secundária. E, por último, a certeza, que é a mais difícil, da categoria científica dos experimentadores. Como obtê-la entre nós, se nem sequer pensamos em estudar Parapsicologia a sério, enquanto na Europa e nos Estados Unidos as Universidades conferem grau de doutoramento na matéria?

Precisamos criar, urgentemente, um novo clima mental no país, a respeito destes problemas. Seria bom começarmos pelas medidas que ainda podem salvar Arigó. Essas medidas fariam, naturalmente, que outros sensitivos, hoje ocultos numa justa atitude auto-defesa, também aparecessem. O problema, como bem o disse o médico Oswaldo Lidger Conrado, é da maior importância. Trata-se de abrir uma nova perspectiva de esperança para os milhares de males incuráveis, que são tantos e parecem aumentar, na medida em que progride a orgulhosa medicina materialista. Deixemos de ser os botucudos da Ciência, e avancemos em direção à civilização, sem receios infantis ou complexos de inibidos.

Feito este balanço-geral da nossa impotência diante do caso Arigó, passemos então aos balanços parciais das nossas verificações. Eles servirão para mostrar-nos que a realidade das faculdades paranormais do sensitivo se impõe de maneira esmagadora, mesmo diante das nossas deficiências de observação e coleta de

dados. Os relatos que apresentamos são de uma clareza e uma coerência absolutas. Uns confirmam os outros, apesar das posições ideológicas diversas, e às vezes contrárias, dos observadores. E, por outro lado, a confirmação se prolonga no testemunho público, irrefragável, de milhares de beneficiados: nas reportagens de jornais e revistas; na consciência de altas figuras do poder, das finanças e das ciências, também beneficiadas; no documentário fotográfico e cinematográfico.

Diante de tudo isso, nossas cifras são bem miseráveis. Colhemos na concha das mãos um pouco da água revolta do oceano. Mas o que fazer, se nossas forças não davam para mais? Vá lá, pois, a contribuição da nossa impotência:

BALANÇO DOS FENÔMENOS

Fazendo um rápido balanço dos fenômenos relatados pelos médicos que ouvimos, chegamos a estas conclusões:

- 1 — Arigó age em estado de tranze, pronunciando frases em alemão e falando português com sotaque alemão. Condição verificada por nós e confirmada por todos os médicos que ouvimos, embora alguns não possam afirmar que as frases estranhas sejam exatamente de alemão, por não conhecerem suficientemente essa língua.
- 2 — Arigó age de maneira ríspida, não procurando agradar ninguém, nem mesmo os que declinam sua qualidade de médico. Não procura clientela e nem mostra desejo de conservá-la.
- 3 — As intervenções — tanto as operações quanto os chamados "exames a ponta de faca" — são feitas sem anestesia, sem assepsia, sem qualquer cuidado pré-operatório, sem ação hipnótica, aplicação de técnica letárgica, de acupuntura, de kuatsu, sem instrumentos ou ambiente adequados. Os pacientes não acusam dor e se mostram conscientes durante o ato, respondendo a perguntas.

- 4 — Os diagnósticos são feitos por meio extrasensorial, inclusive à distância. Aos pacientes presentes, Arigó geralmente pergunta o que sofrem, mas recebe enquanto falam, e muitas vezes corrige os doentes. De outras vezes recebe para uma moléstia corriqueira, de que o doente se queixa, mas acusa aos familiares e a outras pessoas a presença de câncer, realmente existente.
- 5 — Os diagnósticos, as receitas e as operações são efetuados com extrema rapidez. O médico Ary Lex cronometrou a extração de um quisto sinovial, realizada em trinta segundos. Verificamos pessoalmente, no trabalho de consultas, a média de uma receita por minuto.
- 6 — Arigó deixa a faca ou o bisturi pendurados nos olhos do paciente, depois de enfiá-los entre o globo ocular e a pálpebra, na direção da arcada superciliar. Move a faca ou o bisturi na região ocular, sem o menor cuidado, com violência, voltando o rosto para outro lado, e sem provocar ferimentos. Produz, com a faca, a protrusão do globo ocular. Na presença do médico Elias Boainain, deixou o bisturi e a faca pendurados, ao mesmo tempo, num único olho do paciente.
- 7 — Arigó produz a hemostasia e a coagulação do sangue por meio de ordens verbais ou simples aplicação de pequenas mechas de algodão. Na presença da médica Maria de Lourdes Pedrosa, fez o sangue parar na curva do maxilar do paciente, no momento exato em que devia escorrer pelo pescoço.
- 8 — Arigó identifica pessoas entre o povo, inclusive médicos que pretendiam observar anonimamente os fenômenos, como ocorreu com a médica psiquiatra referida no item acima.
- 9 — Arigó limpa a faca ou o bisturi nas mãos dos circunstantes ou em suas roupas, e depõe nas suas mãos as peças anatômicas extraídas. Na presença da psiquiatra acima referida, limpou o bisturi na blusa de uma

mãça, e a blusa não ficou suja, embora o bisturi ficasse limpo.

- 10 — Arigó produziu, na presença do médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, a cicatrização imediata de uma incisão para extração de quisto sinovial, deixando no lugar “apenas uma leve cicatriz”.

Todos esses fenômenos são de natureza evidentemente paranormal, testemunhados pelos médicos e por milhares de pessoas, de todos os graus de cultura, que têm ido à procura do sensitivo. Outros fenômenos, como o aparecimento de líquidos em mechas de algodão, nas mãos de Arigó ou de pessoas que o ajudam, inclusive médicos, e o movimento de instrumentos cirúrgicos sem contato do médium, são relatados por centenas de pessoas.

BALANÇO DAS OPERAÇÕES

As operações relatadas pelos médicos que depuseram nesta série foram as seguintes:

- 1 — Pterígio, nos depoimentos do oftalmologista e cirurgião ocular Sérgio Valle, que citou como testemunha o seu colega Peri Alves Campos; do especialista em cirurgia geral, Ary Lex; da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso.
- 2 — Catarata, no depoimento do cardiologista José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, que mencionou uma técnica de raspagem. O médico Ladeira Marques, do Rio, na citação que fizemos, refere-se a extração do cristalino. Essa contradição aparece em numerosos relatos, parecendo que Arigó emprega duas técnicas diferentes, em ocasiões diversas. Ouvimos de uma jovem oculista a acusação de que Arigó usa uma técnica de raspagem, empurrando o cristalino de maneira perigosa, para dentro da órbita, segundo um velho processo chinês. Este é um caso curioso, a ser esclarecido.

- 3 — Sinusite, com perfuração do assoalho do seio frontal, no depoimento da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso, confirmando um dos episódios do relato de nossas observações pessoais.
- 4 — Quisto sinovial, drenagem, sem fechamento do corte, no depoimento do cirurgião Ary Lex; extração, com fechamento e cicatrização paranormal imediata, no depoimento do médico Hortência de Medeiros Sobrinho.
- 5 — Lipoma, duas extrações, no depoimento do cirurgião Ary Lex, que cronometrou uma delas, verificando que foi realizada em apenas trinta segundos.
- 6 — Fundo de olho, com protrusão ocular, restabelecendo a visão de um cego desde a infância, no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros, que não pode precisar a natureza exata dessa intervenção. Também o médico Ladeira Marques, do Rio, refere-se a uma operação semelhante.
- 7 — Surdez, com introdução de uma pinça envolta em algodão nos ouvidos do paciente, sem extração de cera ou de qualquer outro elemento. O algodão saiu apenas manchado de serosidade amarelada, e o paciente ficou ouvindo. Depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho.

CASOS DE CURA

Os casos de cura relatados pelos depoimentos médicos desta série são os seguintes:

- 1 — Câncer, cura radical, por recidivário, de uma paciente de 28 anos, casada, no depoimento do médico Hortêncio Medeiros Sobrinho. Caso comprovado com exames e operações anteriores, exames e operações posteriores. Cura radical, numa paciente de 30 anos, casada, no depoimento do médico Oswaldo Lidger Courado. Caso comprovado, como o anterior, mas não por operação posterior. Devemos juntar a este item o importante caso

de remissão do processo caneroso, num paciente médico, de 72 anos de idade, relatado pelo médico Oswaldo Conrado, e o caso de cura radical de câncer da laringe, que serviu de ilustração a um de nossos artigos, no "Diário de S. Paulo", relatado pelo próprio paciente, o cirurgião-dentista Otto Teixeira de Abreu, consultório à rua Riachuelo, nesta capital. Caso comprovado anteriormente, por quinze radiografias, uma laringoscopia e uma biópsie.

- 2 — Cura à distância (Arigó em Congonhas e o paciente em Salvador, na Bahia) de um caso de uremia, em estado de coma, no depoimento do médico Oswaldo Conrado. Esse caso envolve também o fenômeno da precognição ou premonição, tendo o sensitivo anunciado a vinda futura do doente a São Paulo, que se confirmou.

OBSERVAÇÕES FINAIS

O caso do dentista Otto Teixeira de Abreu não figura em nenhum dos depoimentos médicos, mas incluímo-lo no balanço, porque figurou como legenda de clichê, ilustrando uma de nossas reportagens. Caso importante, pelas comprovações de laboratório, foi motivo, também, de uma reportagem de Moacyr Jorge, publicada pelo "Diário da Noite", edição de 20 de dezembro de 1961. O último médico que tratou do caso, antes da cura produzida por Arigó, foi o dr. Antônio Corrêa, com consultório à Praça da República, em São Paulo.

No balanço das operações, fizemos referência a uma divergência quanto às técnicas empregadas por Arigó na operação de cataratas. A oculista que nos falou a respeito nada observou em Congonhas e não quis fazer-nos nenhum depoimento, mas o dr. Medeiros Sobrinho parece citar um caso de raspagem. É possível que Arigó empregue as duas técnicas, conforme os casos a tratar ou segundo as influências atuantes no momento. Isso, longe de desprestigiar o médium, enriquece a sua fenomenologia. Como podia Arigó conhecer a velha técnica chinesa, ao mesmo tempo que a técnica moderna? Quanto a esta última, como vimos, há

documentário cinematográfico. Está suficientemente provado que o sensitivo a emprega.

Não obstante, é necessário compreendermos que o emprêgo de uma determinada técnica é feito apenas em linhas gerais. Como acentuou o dr. Medeiros Solfrinho, o médium parece não respeitar, nem nas operações, nem no recetnário, as normas comuns. O médico Sérgio Valle declarou-nos, a respeito, que Arigó emprega "uma super-medicina", e por isso assusta os próprios médicos. Essa conclusão decorre da verificação, pelo médico, de ocorrências espantosas na ação paranormal de Arigó.

Convém lembrar, por fim, que Arigó não usa nenhuma panacéia. Ela mesmo adverte a muitos doentes que não poderá curá-los, e lembra sempre o karma, ou seja, a lei de causa e efeito da concepção reencarnacionista. Aceite-se ou não a existência dessa lei, o fato é que Arigó não pretende curar a todos os doentes. Para muitos, o seu recetnário tem apenas efeito moral, ou destina-se a minorar sofrimentos. Isso não invalida os espantosos casos de curas por ele realizadas. É preciso, enfim, compreender o sensitivo como um ser humano fulvel, e não como um ser mitológico ou divino. Já é muito que êle esteja entre o humano e o divino, superando aquêle, mas ficando abaixo dêste.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Sobre o caso Arigó:

- Valério, Cicero — "Fenômenos Parapsicológicos e Espíritos",
Editora Piratininga, S. Paulo, 1962.
Rizzini, Jorge — "José Arigó, revolução no campo da mediumidade",
Edição "Cidade da Criança", S. Paulo, s/d.

Sobre Parapsicologia:

- Rhine, Joseph — "New World of the Mind", William Sloane
Associates, N. Y., 1953.
Amondou, Robert — "La Parapsychologie", Editions Denoël,
Paris, 1955.
Eysenck, Jan — "A Study of Telepathy in Interpersonal Re-
lationships", George Allen, Londres, 1954.

Sobre Metapsíquica:

- Richet, Charles — "Traité de Metapsychique", Félix Alcan,
Paris, 1922.
Crawford, M. W. J. — "Experiments in psychical science", London,
Watkins, 1919.
"Mecânica Psíquica", S. Paulo, Laks, 1963.
Bozzano, Ernesto, — "Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernor-
mali", Ed. Europa, Verona, 1946.
Morselli, Enrico — "Psicologia e Spiritismo", Fratelli Bocca,
Torino, 1904 (2 vols.).

Sobre Psicologia e Psicologia Social:

- Kardiner, A. — "The Individual and his Society", "The Psycho-
logical Frontier of Society", N. Y., V. Fund., 1945, 1948.
Linton, Ralph — "The Cultural Background of Personality",
Appleton Century, 1945.
Lewin, Kurt — "A Dynamic Theory of Personality", N. Y., Mc
Graw-Hill, 1935.
Nuttin, Joseph — "Psicanálise e Personalidade", Agir, Rio, 1955.
Kretschmer, E. — "La structure du corps et le caractère", Paris,
Press Un., 1930.

ÍNDICE

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Comêço de Conversa | 7 |
| Do Aleijadinho ao Arigó | 9 |
| Da Benzedura à Cirurgia | 14 |
| O Homem e o meio | 19 |
| Perfil social de Arigó | 26 |
| Situação Social do Arigó | 32 |
| Mitologia do Arigó | 37 |
| Arigó perante a Ciência | 42 |
| Exames à ponta de faca | 49 |
| Relato de um especialista | 57 |
| Um professor de Cirurgia | 63 |
| Cura de um Caso de Câncer | 67 |
| Cicatrização imediata | 72 |
| Telediagnose e cura à distância | 76 |
| Arigó: Indivíduo Metergético | 82 |
| Telecinesia Cirúrgica | 88 |
| Balanço do Caso Arigó | 93 |
| Balanço dos Fenômenos | 96 |
| Balanço das Operações | 98 |
| Casos de Cura | 99 |
| Observações Finais | 100 |
| Bibliografia | 102 |